



COLEÇÃO PÓS LETRAS

Escritos clássicos greco-latinos



VOLUME 06

Alcione Lucena de Albertim
Willy Paredes Soares
(Organizadores)



COLEÇÃO PÓS LETRAS

Conselho Editorial



Alessandra Soares Brandão (UFSC)

Ana Graça Canan (UFRN)

Ana Mafalda Leite (Universidade de Lisboa)

Anco Márcio Tenório Vieira (UFPE)

Anita Martins Rodrigues de Moraes (UFF)

Arnaldo Saraiva (Universidade do Porto)

Brenda Carlos de Andrade (UFRPE)

Gastón A. Alzate (California State University)

Inocência Mata (Universidade de Lisboa)

João Batista Pereira (UFRPE)

José Rodrigues Seabra Filho (USP)

Juliana Luna Freire (UFPB)

Juliana Pasquarelli Perez (USP)

Luciana Eleonora de Freitas Calado Deplagne (UFPB)

Maria Nazareth de Lima Arrais (UFCG)

Maurizio Gnerre (Università di Napoli L'orientale)

Maximiliano Torres (UERJ)

Ramayana Lira (UFSC)

Regina Dalcastagnè (UnB)

Saulo Neiva (Université Blaise Pascal - Clermont-Ferrand)

Simone Schmidt (UFSC)

Suzi Frankl Spetber (UNICAMP)

Yuri Jivago Amorim Caribé (UFPE)

Projeto Gráfico:

CDM Design e Consultoria Empresarial Ltda

Camille Barbosa de Aquino

Roberta Lima Designer

Diagramação:

Roberta Lima Designer

Escritos clássicos greco-latinos



Alcione Lucena de Albertim
Willy Paredes Soares

E74	Escritos clássicos greco-latinos [recurso eletrônico] / Organização: Alcione Lucena de Albertim, Willy Paredes Soares. – João Pessoa: Editora do CCTA, 2020. Recurso digital (2,26MB) Formato: ePDF Requisito do Sistema: Adobe Acrobat Reader ISBN: 978-65-5621-126-8 1. Literatura grega. 2. Literatura latina. 3. Ciências da Linguagem - História. I. Albertim, Alcione Lucena de. II. Soares, Willy Paredes. UFPB/BS-CCTA CDU: 821.14
-----	---

Sumário



- 10** Apresentação
- 16** Catábasis: um rito de passagem e a busca da imortalidade
Alcione Lucena de Albertim
- 32** A Religião Romana Arcaica
Willly Paredes Soares
- 54** A Elegia de Andrômaca e as formas do lamento na poesia grega antiga
Rafael Brunhara
- 72** A *ánapria*: Culpa Ignorância ou Paranoia?
David Pessoa de Lira
- 86** Amor e poesia em Plutarco
Maria Aparecida de Oliveira Silva
- 110** Contribuições dos Estudos Clássicos para a História das Ciências da language
Fábio Fortes
- 124** Falando com os mortos, alguns epigramas helenísticos dialogados em tradução
Flávia Vasconcellos Amaral
- 142** Fulgêncio, o mitógrafo: a explicação da antiguidade como programa
José Amarante Santos Sobrinho, Raul Oliveira Moreira
Shirley Patrícia S. N. Almeida e Cristóvão José dos S. Júnior
- 162** A gramática como livro didático: testemunhos sobre método e prática escolar na Antiguidade
Lucas Consolin Dezotti
- 176** Exagerando a verdade: a hipérbole em Quintiliano
Pedro Schmidt
- 188** Hino Homérico 2, a Deméter
Leonardo Antunes
- 208** Pressupostos da comédia grega entre os romanos: Quintiliano, Cícero, Horácio e Dionísio
Luciene Lages Silva
- 224** Qual é o seu Orfeu? Breve apreciação do mito helênico reinventado pelas múltiplas linguagens artísticas
Fernanda Lemos de Lima
- 244** Prêmio de Metamorfoses: aula de Poesia
Milton Marques Jr.
- 254** Semântica Aristotélica
José R. Seabra F.
- 262** Notas Finais
- 276** Sobre os autores e as autoras

8

Um autor tardo-antigo estreando em português

Sobre a persona que assume o nome Fabius Planciades Fulgentius em boa parte dos manuscritos que chegaram até nós, nada se pode afirmar com muita segurança, haja vista o fato de que o que sabemos sobre o autor se limite àquilo que nos é informado pelo Prólogo do Livro I de suas *Mythologiae*. Evidentemente qualquer generalização que se faça sobre sua vida – se esse for considerado um aspecto fundamental – deve repousar no território das suposições, já que não se deve desprezar o fato de as informações aparentemente relativas à vida e ao escritor serem uma espécie de ilusão biográfica, uma vez que estamos a considerar como informação histórica certas deduções providas de leituras dos próprios textos. Como já propôs Hays (1996), muito do que se declara na primeira parte das *Mythologiae* tem de retórico e de captatio benevolentiae.

Acresce complexidade ao problema de identificação o fato de que, durante muito tempo e em função de alguma confusão no processo de transmissão de textos, Fulgêncio esteve associado ao seu homônimo bispo de Ruspé, de forma a se criar o que tradicionalmente se conhece como “questão fulgenciana”, um tema já debatido e que parece repousar agora na aceitação do separatist case (HAYS, 2003, p. 210). Hoje, se afirma, com algum nível de segurança, que nosso autor, que viveu entre finais do séc. V e início do séc. VI, não é o bastante conhecido São Fulgêncio, bispo de Ruspé, a pequena cidade da província romana Bizacena (na África, onde hoje é a Tunísia), embora Fulgêncio também seja norte-africano.

O epíteto O Mitoógrafo, por outro lado, oferece-nos uma margem de segurança de compreensão, pois se deve à circulação e sucesso das suas *Mitologias* durante a Idade Média, até serem suplantadas por obras como a *Genealogia deorum gentium*, de Boccaccio (1360), que cita Fulgêncio várias vezes. Seja como for, transmitidas em vários manuscritos ao longo de séculos, as *Mitologias fulgencianas* chegam ao período das edições impressas com fôlego suficiente para ganhar edições regulares nos séculos XV, XVI, XVII e XVIII. Depois da editio princeps de Pius (1498) e da edição seguinte por Locher (1521), dedicadas exclusivamente a Fulgêncio, as edições impressas posteriores vão estampar o nosso autor junto a outros mitoógrafos da Antiguidade.

Após essas edições sucessivas, o autor atinge o período das edições críticas. Assim, o século XIX trará a lume a edição de Rudolf Helm, um texto ainda considerado de referência e base para grande parte das traduções que o século XX e XXI viram surgir. Apesar de os Oitocentos nos brindarem com essa edição crítica do autor, em que figura o conjunto das quatro obras atestadas como de sua autoria e se inclui a *Super Thebaiden*, não considerada do corpus fulgenciano, a visão sobre o autor e sua obra atravessou quase todo o século passado mantendo certos juízos apriorísticos típicos do século XIX em relação ao que era comentário de obras e o quanto seria impagável o seu débito com os ditos “originais”. Poderíamos retomar duas posições críticas, como propõe Amarante (2019, p. 17), de forma a constatarmos que o modo como se considerou o autor ao longo do tempo não se manteve estável:

Fulgêncio, o mitoógrafo: a explicação da antiguidade como programa



José Amarante Santos Sobrinho
Raul Oliveira Moreira
Shirlei Patrícia Silva Neves Almeida
Cristóvão José dos Santos Júnior

De Domenico Comparetti, para quem o proceder de Fulgêncio seria a máxima expressão da incoerência e do delirio: “ele pisoteia todas as regras do bom senso de forma tão aberta, crua e quase brutal, que é difícil entender como um cérebro saudável poderia realmente ter concebido um trabalho tão maluco” (1872, v. I, p. 149); a Gregory Hays, para quem ele deveria atrair ao menos minimamente a atenção de qualquer um, já que teria influenciado grandes obras: “tanto a Divina Comédia quanto a Primavera de Botticelli seriam obras muito diferentes se Fulgêncio não tivesse escrito a sua” (1996, pref.).^{dxv}

Após as críticas de Comparetti, a obra fulgenciana só irá alcançar algum nível de interesse mais significativo, no século XX, a partir de sua segunda metade, quando surge a primeira tradução completa para o inglês da obra do Mitógrafo, no início da década de setenta, a de Whitbread, de 1971. Daí em diante, começam a surgir, especialmente nas últimas duas décadas, novos estudos e traduções para outras línguas, de forma que o autor já não é mais tão desconhecido entre os estudiosos da área.^{dxvi}

No Brasil, os estudos da obra do autor são ainda raros, como o são os de vários outros autores da Antiguidade Tardia. Resultado de um projeto de estudo de obras desse período, na Universidade Federal da Bahia, neste trabalho, então, noticiamos e destacamos a conclusão da tradução completa da obra fulgenciana, a partir da publicação de O livro das Mitologias de Fulgêncio, por José Amarante, em 2019 (seção 1 deste capítulo), e os trabalhos de mestrado e doutorado defendidos na mesma Universidade:

- a) A Expositio Virgilianae continentiae (“A explicação dos conteúdos de Virgílio”) foi traduzida por Raul Oliveira Moreira, e sua dissertação de mestrado foi defendida em 2018 (seção 2 deste capítulo).
- b) A Expositio sermonum antiquorum (“A elucidação de termos antigos”) foi traduzida por Shirlei Patrícia Silva Neves Almeida, e sua dissertação de mestrado foi defendida em 2018 (seção 3 deste capítulo).
- c) A De aetatibus mundi et hominis (“Sobre as idades do mundo e da humanidade”) recebeu duas traduções (uma alipogramática e outra hipogramática) por Cristóvão José dos Santos Júnior, e sua tese de doutorado foi defendida em 2020 (seção 4 deste capítulo).

Ao lado de destacarmos a finalização da tradução completa da obra do autor ao português, nos parece oportuno retomarmos uma questão ligada a um possível programa fulgenciano destacado por Amarante (2019). Certamente, pela lista de obras acima listadas e consideradas de sua autoria, é difícil não se observar algum programa, mínimo e despretenhoso que seja, de explicação dos conteúdos simbólicos da Antiguidade. A questão retomada aqui liga-se a um ponto ainda em debate sobre a função social do nosso autor: para Whitbread (1971, p. 6), Fulgêncio é um grammaticus ou rhetor, um professor de gramática e letras. Hays, analisando a terminologia que o au-

tor utiliza, contesta essa posição e coloca Fulgêncio como um legal advocate, um defensor legal (1996, p. 42 e s). Manca (2003, p. 56) apresenta uma proposta conciliadora, inclinando-se a pensar que a obra parece nos colocar diante de um grammaticus, mas que necessitasse lidar com as salas de aula de Direito em algumas ocasiões. Analisando a presença de Apuleio em Fulgêncio, Mattiacci Inclui o autor entre os gramáticos e eruditos de origem africana e o considera como uma figura singular de interesses múltiplos (2003, p. 230).

Contudo, embora situado nos limites da Idade Média, o tema de Fulgêncio é a Antiguidade, ou seja, ele teria apenas aparentemente uma multiplicidade de interesses, mas provavelmente eles se resumiriam num único foco: o mundo antigo. E essa afirmação leva em consideração toda a sua obra, uma vez que a sua produção se centra sempre em algum elemento referente a esse cenário cultural: nas Mythologiae, a releitura filosófica de base cristã dos mitos clássicos; na Expositio Virgilianae continentiae, a releitura da Eneida, de Virgílio, também numa perspectiva filosófica; na Expositio sermonum antiquorum, uma leitura explicada do léxico ligado a elementos culturais antigos; na De aetatibus mundi et hominis, a história do mundo, da Criação até a ascensão de Valentiniano I, no ano 365. No caso das duas primeiras obras, é visível a motivação: os mitos antigos, presentes tanto nas narrações mitográficas quanto na própria Eneida, eram um tesouro em vias de desaparecimento, na realidade complexa das migrações germânicas visível a Fulgêncio. Além disso, a própria obra virgiliana já havia sido alvo de outros comentários, como os de Donato e Servio. Em relação à Expositio Sermonum, também se observa um autor registrando um léxico antigo, trazendo no título da obra esse termo que marca já uma distância em relação ao tempo do autor: antiquorum. Na Aetatibus, não seria diferente: Fulgêncio segue uma trilha conhecida, um Leitmotiv caro à literatura clássica, que é a questão das idades do mundo e da humanidade, tema presente tanto entre os gregos quanto entre os latinos. –

Sendo certamente um homem ligado às Letras, o Mitógrafo toma para si, do mesmo modo como fizeram os principais intelectuais de sua época, a incumbência de recuperar e reordenar, a seu modo, algo significativo do saber antigo, visto que aquele conhecido patrimônio cultural do mundo greco-latino que se manteve após o fim do império romano do Ocidente “encontra-se disperso por uma miríade de obras complicadas e de difícil leitura por homens capazes de se referir apenas a conhecimentos e a noções do tipo complicado e simplificado” (STOPACCI, 2012, p. 502). Sendo assim, para a conservação do legado cultural, literário e retórico da Antiguidade naquele momento, se fazia necessário recolher, reordenar e sintetizar o máximo do saber proveniente da Antiguidade e, pelo viés da filosofia moral, submetê-lo às exigências da nova cultura cristã.

1 MYTHOLOGIAE (As Mitologias)

Quando Fulgêncio escreve sua obra mitográfica, ele segue uma tradição de escrita do gênero estabelecida: já Apolodoro havia escrito a sua Bibliotheca. Higinio, as suas Fabulae, e os mitos já haviam povoado, de modo diverso, as Metamorfoses ovidianas. Fulgêncio, contudo, está em outro tempo e registra em sua obra, conforme vimos, aspectos do período de transição entre a Antiguidade e o Medievo, ou apresenta,

conforme nos lembram Wolff e Dain (2013), um testemunho dessa passagem do pagão ao cristianismo, nos deixando conhecer a visão cristã sobre o mundo antigo, notadamente, no caso das suas *Mythologiae*, uma leitura dos mitos pagãos sob a ótica da filosofia moral (*secundum philosophiam*, como nos dão alguns códices), o que resulta na perspectiva de uma humanidade regenerada, no dizer de Wolff e Dain. Mesmo nesse aspecto interpretativo, Fulgêncio segue uma seara antes bem experimentada: não somente havia uma tradição já bem antiga de interpretação dos mitos, antes mesmo do Cristianismo, como também outros autores anteriores ao Mitógrafo – como Lactância, Macróbio e Sérvio – já haviam apresentado suas versões, atestando-se daqueles modelos clássicos (FRANCO DURAN, 1997). Lactância, por exemplo, já havia escrito as suas *Institutiones*, de onde nosso Mitógrafo retira alguns exemplos de interpretação ^{dxviii}.

Distinguem-se, em geral, três formas de interpretação dos mitos, todas de inspiração estoica, praticadas durante toda a Idade Média: a interpretação dita *evemerista* – a interpretação física e a interpretação moral. Na interpretação *evemerista* – com base em Evêmero (Séc. III a.C.), também chamada de histórico-racionalista – os deuses teriam sido homens que foram divinizados por seus contemporâneos, em função de seu poder ou influência local (BRISSON, 2014). A interpretação física é aquela segundo a qual os seres físicos poderiam ser ligados aos planetas “por intermédio destas qualidades fundamentais: quente, frio, seco e úmido” (id. p. 231). A interpretação moral – a predominante – consiste em descobrir uma significação espiritual nas figuras dos deuses e em suas ações, de forma a que se chegue a uma mitologia moralizada, que ganhará fôlego na Idade Média, como se vê na obra Ovide *Moralisé*, uma espécie de *summa* dos conhecimentos medievais no que se refere ao tema das metamorfoses.

Os códices nos dão o título *Mythologiarum libri tres*, de forma que, do ponto de vista de sua macro-estrutura, as *Mythologiae* estão organizadas em três livros, aparentemente sem sinais de uma disposição programada e desiguais em sua distribuição de narrativas: o Livro I tem 22 fábulas; o II, 16; e o III, 12. Amarante (2018a) apresenta uma proposta de arquitetura horizontal do conteúdo da obra, segundo a qual as fábulas se encontrariam atravessadas por elementos morais, ligados a escolhas, que se explicitam nas fábulas que abrem o livro central – o Livro II –, funcionando essas fábulas como a declaração programática fulgenciana, numa espécie de próêmio ao meio: a fábula II, 1, seguindo a tradição interpretativa da escolha no julgamento de Páris, e as fábulas II, 2, II, 3 e II, 4, ligadas à tradição interpretativa da escolha conhecida como Hércules na encruzilhada ^{dxv}. Segundo Venuti, o tradutor brasileiro das *Mythologiae*:

propõe uma análise global da “arquitetura” das *Mythologiae*, proporcionando uma leitura unitária, levantando hipóteses sobre a organização “horizontal” do material e interessantes propostas críticas em relação aos títulos das fábulas (VENUTI, 2018, p. 22, n. 80) ^{dxvii}.

Também Sacchi (2020) destaca a leitura da estrutura da obra proposta pelo tradutor José Amarante, confrontando-a com a leitura de Wolff (da edição de Wolff e Dain, 2013):

Amarante se concentra no nível micro das transições de uma fábula para outra. Pretende demonstrar que as *Mythologiae* não constituem apenas uma rede, mas também que esta rede se organiza de forma linear: a sua lógica surge através da sucessão de mitos, que, longe de serem desarticulados, se revelaram legíveis “capa a capa” [i.e., do começo ao fim]. Assim, a análise de Amarante substitui a coesão estrutural de Wolff, recorrendo a uma espécie de coesão de fluxo – mas a coesão continua a ser o objetivo (SACCHI, 2020, p. 128) ^{dxviii}.

O Prólogo do Livro I é a parte da obra de Fulgêncio que, de tão enigmática, certamente é a mais estudada ^{dxviiii}. Estruturalmente, é bastante diverso dos demais: além de ser um prólogo programático, de funcionar como uma espécie de introdução para toda a obra (VENUTI, 2009, 2018; WOLFF; DAIN, 2013), ocupa 13 das 78 páginas de todo o livro na edição de Helm, uma porcentagem razoável de texto em relação ao conjunto, enquanto os demais prólogos, basicamente exercendo a tradicional função de captatio *benevolentiae* comum ao gênero, ocupam apenas poucas linhas de seus livros ^{dxix}.

As narrativas e interpretações das *Mythologiae* se iniciam com a fábula *Vnde idolum*, uma espécie de introdução ao tema do surgimento dos deuses, que seria ou de base bíblica ou alheia ao restante do conteúdo de toda a obra, uma vez que nos três livros se apresentam histórias comuns da mitologia greco-latina, ricamente documentadas na literatura antiga ^{dxix}. Nessa fábula introdutória, ficamos a conhecer a história de um pai que perde prematuramente seu filho e que manda construir em sua casa uma escultura do adorador herdado, pensando estar criando um remédio para a tristeza da ausência ^{dxix}. Contudo, segundo Fulgêncio, o pai acaba por criar “uma fonte maior de sofrimento, porque somente o esquecimento seria o remédio dos pesares” ⁹⁹. Estaria assim, então, criado o ídolo, porque “o conjunto de escravos, em agrado ao senhor, se acostumou ou a tecer coroa ou a levar flores ou ainda a queimar ervas aromáticas à estátua” ⁹⁹.

Em defesa da estratégia fulgenciana e de uma suposta consciência autoral da importância daquela narrativa naquela posição, poderia ser evocado o didatismo que se observa aqui e acolá em sua obra. A presença de um relato aparentemente destoante do conjunto da obra não se encontraria, então, deslocada do conjunto de fábulas, mas – ao contrário – refletiria uma visão programática do autor a selecionar uma história que lhe seria útil para abrir o complexo de narrativas, dado que simboliza um diálogo entre o conteúdo pagão e o conteúdo cristão. Dessa forma, a sua inserção nessa posição de destaque poderia ser compreendida assim: se o autor projeta o livro como uma tentativa de, valorizando a força do conteúdo clássico, ensinar aos jovens cristãos uma forma de poder ler esse conteúdo reinterpretado filosoficamente de acordo com os interesses cristãos, nada mais apropriado que escolhesse uma história que, sendo

⁹⁹ “Seminarium potius doloris inveniunt menscens quod sola sit medicina miseriarum obliuio” (FVLG. MYTH. I, 1 (H: 14-15)).

também bíblica, representasse uma retomada de um conteúdo que é amplamente documentado na Antiguidade, seja em suas “ficcões fabulosas”⁹⁴ – a mitologia –, seja no que chegou até nós dos eventos narrados pelos próprios historiadores (AMARANTE, 2018b).

Para além do que se declara com escolhas tópicas (como a fábula Sobre a origem da idolatria abrindo o livro, ou as fábulas ligadas às tradições do julgamento de Paris e de Hércules na encruzilhada, como dobradiça ancorando a obra no livro do meio, o Livro II), o programa fulgenciano nos é lembrado a todo tempo, praticamente em todas as fábulas. Tal programa poderia se resumir nas observações frequentes quanto ao fato de a mendax Graecia (“a enganosa Grécia”) necessitar ser desvendada e pelo fato de que essas vendas dos olhos da razão fossem retiradas por meio da etimologia, muitas vezes puramente etimologia dita popular.

As explicações etimológicas, quase sempre a partir do grego, aparecem inseridas sob a fórmula x enim Graec y dicitur, como na Fábula das Harpias: “arpagage de fato em grego quer dizer rapina”, numa associação com o substantivo grego ἀρπάζω (‘rapina’)⁹⁵, relacionado ao verbo ἀρπάζω (‘tomar’ ‘arrebatar’), mas essa é uma posição considerada da esfera da etimologia popular. Quando o decalque com uma palavra grega é difícil, a estratégia é o uso do advérbio quasi (‘praticamente’, ‘mais ou menos’, ‘quase’), promovendo uma aproximação, como na explicação para o nome de Minerva em grego: “E depois Minerva em grego é dito Atena, praticamente athanate parthene, isto é, uma virgem imortal, porque a sabedoria não poderá morrer nem ser corrompida”⁹⁶. Nesse caso, Fulgêncio retira o nome de Atenas (cuja etimologia não está assentada) numa aproximação com o adjetivo θθάνατος (‘imortal’) e o substantivo παρθένος (‘virgen’). Uma possibilidade final seria a de recorrer ao próprio latino, como na explicação para o nome de Mercúrio: “Quiseram dizer Mercúrio quase como mercium-currum [‘o que cuida dos comércios’]”⁹⁷. Aqui, Fulgêncio deve se basear num composto das palavras latinae merx (mercium, em genitivo ‘dos negócios’, ‘dos comércios’) e alguma forma mal flexionada, possivelmente para se aproximar do nome Mercúrio, ligada ao verbo curare (‘cuidar de’, ‘ocupar-se de’).

Do ponto de vista da composição, as narrativas refletem grosso modo o uso de certas fórmulas, sendo a mais geral a que apresenta uma narrativa do mito, seguida de sua interpretação, tendo, por vezes, a etimologia, nos moldes do que se disse supra, como o elemento comprovador da interpretação oferecida, ou de parte dela. Veja-se, p.e., a narrativa sobre o Cérbero:

VI. Fábula de Cérbero
 Junto aos pés dele [de Plutão], colocam o cão de três cabeças, Cérbero, porque as invejas das disputas dos mortais são compostas em estado ternário, isto é, natural, causal e por acidente. O ódio é natural como o dos cães e das le-

⁹⁴ “Universa familia in domini adulatione aut coronas plectere aut flores inferre aut odoramenta simulacro succendere consensat” (FVLG. myth. 1, 1; H: 16, 19-21).

⁹⁵ “Fabulosa commenta” (FVLG. myth. 1, 18; H: 30, 22).

⁹⁶ “Arpagage enim Graec rapina dicitur” (FVLG. myth. 1, 9; H: 21, 16-17).

Destaque-se, na narrativa, os usos das conjunções explicativas, a lógica argumentativa ad hoc, e o nome do cão tomado de uma etimologia também ad hoc, a partir de κρεοβόρος: carnívoro (vl. κρέας, ‘carne’, e βορός, ‘voraz’). Diríamos, pois, que essa estrutura é modelar em relação à técnica de composição fulgenciana nessa obra mitográfica.

As Mythologiae encerram o seu terceiro e último livro com a Fábula de Alfeu e Aretusa, de forma que, assim, convidam o leitor à descida ao submundo, i.e, “aos segredos da consciência”⁹⁹, algo que direciona o leitor à obra seguinte, com a descida aos Infernos, que é o tema central do Livro VI da Eneida e elemento fundamental para a interpretação da obra virgiliana em sua Expositio Virgilianae Continentiae (WOLFF; DAIN, 2013, p. 179).

2 Expositio virgilianae continentiae (Explicação dos conteúdos de Virgílio)

“Assim, ao alcançar a idade de muita sabedoria, cruza o lamaçal temporário do turbilhão de águas e impurezas dos costumes. Eis que ele [Enéias] faz Cérbero adomecer com bolinhos de mel. Já posta anteriormente, discuti a fábula de Cérbero como, de fato, uma forma de disputa e um litígio legal.”¹⁰⁰

Vista de modo avulso, a passagem em destaque pode reforçar a grosseiria e os inexplicáveis absurdos atribuídos por décadas à “pena” de Fulgêncio,^{100xxiii} afinal, não só inexistem menções a Cérbero em toda a Virgiliana, como também é o personagem de Virgílio, e não Fulgêncio, que faz essa observação. No entanto, ao compreendermos a complexidade da sua produção e considerarmos suas outras obras, identificamos aqui uma remissão textual interna a sua obra anterior, em especial à “Fábula sobre

⁹⁹ “Minerva denique et Athene Graec dicitur quasi athanate parthene, id est immortalis virgo, quia sapientia nec mori poterit nec corrumpi” (FVLG. myth. 2, 1; H: 30, 10-13).

⁹⁷ “Mercurium dici uoluerunt quasi mercurium-currum” (FVLG. myth. 1, 18; H: 29, 8-9).

⁹⁸ “Fábula de Tricrbero. Tricrberum uero canem eius subiciunt pedibus, quod mortaliu[m] iurgiorum inuidiae terrario confientur statu, id est naturali, causali, accidenti. Naturale est odium ut canum et leporem, luporum et pecudum, hominum et serpentium, causale est ut amoris zelum atque inuidiae, accidens est quod aut uerbis casualiter obortur ut hominibus aut conestionis propter ut iumentis. [Cerberus uero dicitur quasi creoboros, hoc est carnem uorans et fingitur tria habere capita pro tribus acetabulis, infantia, inuentute, senectute, per quas introiuit mors in orbem terrarum]” (FVLG. myth. 1, 6; H: 20, 8-18).

⁹⁹ “In secreta conscientiae” (FVLG. myth. 3, 12; H: 80, 14).

Cerberus” do seu livro de mitologias (myth. 1, 6). É através dessa referência que Rudolph Helm (1898), em sua edição de Fulgêncio, estabelece a anterioridade das Mythologiae em relação à Vergilianae, assim como uma vinculação desta com aquela.

Seu texto é o primeiro comentário alegórico sobre a Eneida, de que se tem notícia, na Antiguidade tardia. É, portanto, o cruzamento de duas tradições literárias: a reinterpretção da Antiguidade clássica sob a perspectiva cristã e as leituras e comentários à obra de uma autoritas romana, o que resulta na única obra fulgenciana, dentro do seu projeto de leitura, dedicada a um autor e obra específicos. Seu comentário, desconsiderando elementos de ordem formal e estético anteriormente elucidados por outros autores da tradição virgiliana, visa debruçar-se sobre os conhecimentos profundos ocultados pelos artifícios poéticos, as continentiae.

A introdução consiste em uma dedicatória e uma alusão às dificuldades de sua época, a mediocras temporis, que não lhe favorecem o labor intelectual, num conjunto de topoi encontrados também nas Mythologiae. Sua intenção é explicar os mistérios naturais da obra virgiliana, evitando, contudo, aqueles já dispostos ao longo das Éclogas e das Geórgicas, ainda que na sequência rememore esses mesmos textos. O fechamento desse inthóito se dá com mais uma exortação ao seu destinatário, alegando ser esse um opúsculo, um ramalhete colhido dos jardins das Hespérides, e não um pomo de ouro, de forma que assim ele constitui uma situação benévola à sua exposição ao promover o status de humilde enunciadador.

Seu entendimento, apesar disso, é árduo, e é às musas, todas elas, a quem Fulgêncio invoca, não apenas a Calíope, representante da poesia épica: “Aproximem-se, Heliconíades, deem préstimos à minha mente [...] uma de fato não basta”.¹⁰¹ Em resposta,

eis que em direção a mim o próprio Virgílio também se aproxima, mais saciado do que se tivesse bebido da fonte ascreia, assim como costumam ser as figuras dos poetas, quando – arrogadas as tabuinhas para concluir a obra, com a fisionomia extasiada – murmuram baixinho algum mistério com a obra ladrando em seu interior.¹⁰²

Quem melhor que o autor da Eneida para validar, ao longo da exposição, os mistérios escondidos sob a superfície do seu próprio poema? Sua presença marca o início do diálogo através do qual a interpretação do épico será conduzida. Contudo, enquanto uma remissão textual mal compreendida, fruto do processo de transmissão inerente a esse texto, originou uma série de críticas, ao que parecem injustas, ao seu autor, a “ignorância e inexperiência” de Fulgêncio são reforçadas por essa incursão do vate de Mântua, uma vez que, entabulada a discussão, seus turnos de fala por vezes se

confundem, e Fulgêncio falará por Virgílio, quando não deveria, e vice-versa (COMPARTTI, 1943 [1872], p. 61).

De qualquer forma, o aparecimento de Virgílio consiste num expediente padrão, o de “visita nos sonhos”, recurso já empregado por Cícero, Boécio e pelo próprio Fulgêncio nas Mythologiae. Sua entrada é ainda fundamental à tradição textual, haja vista que sua visita situa a obra não apenas dentre os textos que comentaram textos virgilianos, assim como junto àqueles em que ele, Virgílio, foi também representado, quer anteriormente, como na Saturnalia, de Macrobio, quer posteriormente, como na Divina Comédia de Dante (HAYS, 1996, p. 1)

Numa referência ao evangelho de Mateus (9, 20-21), em que uma enferma resvala nas roupas de Jesus e com isso se cura, Fulgêncio afirma querer tocar-lhe “as fimbrias das vestes”¹⁰³, reforçando seu status místico, convidando-lhe em seguida a assumir o papel professoral e discorrer sobre os conteúdos secretos de seu poema: o périplo de Eneias como alegoria das fases da vida humana, do nascimento à maturidade.

Os saberes intrínsecos que jazem sob a superfície do poema, no aguardo de serem esclarecidos conforme os anseios dessa nova mentalidade para a qual Fulgêncio traduz a Eneida, encontram já no incipit uma relação com sua interpretação. Arma, uirum e primus representam, pois, três estágios a partir dos quais se compreende a vida, conforme o modelo platônico tripartido: arma, também natura, a substância corporal, capacidade inata; uirum, também doctrina, substância intelectual, que guia a natureza; e primus, também felicitas, substância moral, a fecundidade do conhecimento adquirido. O corpo carece do intelecto para alcançar a completude, assim como “o estado natural do ouro é de fato sua beleza e maleabilidade, mas é batendo com o martelo do ferreiro que ele chega à perfeição”.¹⁰⁴

A Exposição dos conteúdos de Virgílio utiliza-se, quando não de filosofia neoplatônica, do emprego de etimologias a fim de justificar sua interpretação. É assim que se explica a tempestade causada por Éolo a mando de Juno, naufragando os troianos na costa da Líbia: ela é a deusa que preside os partos, donde o naufrágio representa os tumultos do nascimento, e eonolus, em grego, é a “destruição do mundo”¹⁰⁵. O encontro de Eneias com Vênus, que o visitou sob um disfarce, encontra similar explicação: “vê a mãe, mas não a reconhece, demonstrando precisamente a infância, pois que pelo parto aos recém-nascidos é dado ver a mãe, mas não é dada a habilidade de reconhecê-la”.¹⁰⁶ O enterro de Anquises no porto de Driépanos compreende a chegada à juventude, e o topônimo formado do grego drimos, ‘áspero’, e pes, ‘menino’, simboliza a rebelia da juventude rechaçando a autoridade paterna. Mais à frente, a tempestade que isola Eneias e Dido e os faz ceder à paixão representa as mesmas turbulências que obscurecem o discernimento adolescente, e essa mudança de estado pode-se dar

¹⁰⁰ “Ergo dum ad tempus multae scientiae quis peruenierit, in temporales gurgitum cenositates moriunq[ue] feculentias transit. Deinde Tricobertum mellis resopit ofiulis; Tricoberti enim fabulam iam superius exposuimus in modum iurgii forensisque litigii postam.” (VILG. Virg. cont. 98, 20 – 99, 1, grifos nossos).

¹⁰¹ “Vos, Heliconíades, uocanda est [...] date praemia menti. [...] nec enim mihi sufficit una” (VILG. Virg. cont. 85, 5-7).

¹⁰² “Nam ecce ad me etiam ipse Ascrei fontis bractamento saturior aduenit, quales uatum imagines esse solent, dum adsumptis ad opus conficiendum tabulis stupida fronte arcuam quiddam latrant[is] intrinsecus tractatu submurmurant.” (VILG. Virg. cont. 85, 12-16).

¹⁰³ “[...] nobis uero erit maximum, si uel extremas tuas praestringere contingenti fimbrias” (VILG. Virg. cont. 86, 12-13).

¹⁰⁴ “Est enim natura in auro productionis et decoris, sed ad perfectionem mallo proficit excandens.” (VILG. Virg. cont. 90, 7-8).

apenas com uma interferência externa: Mercúrio, ao alertar Enéias para a sua tarefa de alcançar a Itália, representa o chamado à razão e o abandono da volúpia fruto dos desejos juvenis, “donde o amor desprezado se esvai e, consumido pelo fogo, transfórma-se em cinzas”¹⁰⁷.

É novamente a visão de Dido, mas dessa vez no mundo inferior, que constitui o ponto alto do comentário, feito ao livro VI – haja vista que sua sequência, os livros seguintes, são interpretados de modo rápido e encontram um encerramento abrupto, outro ponto responsável por suscitar críticas ao estilo de Fulgêncio. A exposição alcança a “espinha dorsal” da jornada de Enéias, sua descida aos infernos – que remete a uma descida à sua própria consciência –, no que é a seção mais volumosa em usos alegóricos, interpretativos ou etimológicos. A Sibila de Cumas o orienta quanto aos ritos de entrada no submundo, e sua trajetória é exibida através de catálogos, constituindo inclusive um exercício mnemônico: personagens virtuosos, ou que padecem, como Tântalo, Sisifo e Deífobo; moléstias que assolam a humanidade, a fome, a guerra, a peste, dentre outras.

Alcançada a perfeição da memória, representadas por esse itinerário de aprendizados, a capacidade intelectual deve ser consolidada para toda a eternidade, assim como o ramo de ouro é fixado nos portões de entrada dos Campos Elísios. O rumo aos caminhos que levam à doutrina, no entanto, não é a única etapa que representa a perpetuação da substância intelectual e a chegada à *uirilis aetas*: é antes o seu encontro com a sombra de Dido, pois “a paixão, esvaída pelo desprezo, contemplando à razão, é chamada à memória, entre lágrimas penitentes”¹⁰⁸. É assim que, sob o manto de uma história alegórica, foi apresentado o pleno estado do homem e de todas as suas capacidades.¹⁰⁹

3- *Expositio sermonum antiquorum* (Elucidação de termos antigos)^{clxxxiv}

A *Fulgentii expositio sermonum antiquorum*, como costuma ser denominada nos manuscritos, consiste em um sucinto glossário de palavras consideradas antigas ou raras. O opúsculo abre-se com um curto prólogo direcionado a um desconhecido dominus, denominado *Calcidium* ou *Chalcidium grammaticum*, e em seguida são apresentadas, de maneira recursiva e reiterativa, as entradas com as explicações ou definições de 62 sermones. Cada um dos termos, com uma ou duas exceções, é definido e ilustrado com uma breve citação, em que, pelo menos, um autor e uma obra determinada são citados para endossar uma explicação dada. Essas palavras seriam aquelas encontradas em autores gregos e latinos da Antiguidade, como Ênio, Plauto, Virgílio, Petrónio, Propércio, ou alguns mais tardios, como Apuleio, Marciano Capela

¹⁰⁵ “*Saeculi interitus*” (FVLG. Virg. cont. 91, 12).

¹⁰⁶ “*Vt terram tangit, matrem videt nec agnoscit, plenam designantes infantiam, qua a partu recentibus matrem hildere datur, non tamen statim cognoscere meritum contribuitur*” (FVLG. Virg. cont. p. 92, 7-10).

¹⁰⁷ “*Qui quidem amor contemptus emortitur et in cineres exustus emigrat*” (FVLG. Virg. cont. 94, 23-24).

¹⁰⁸ “*Contemplando enim sapientiam libido iam contempni emortua lacrimabiliter penitendo ad memoriam revocatur*” (FVLG. Virg. cont. p. 99, 19-21).

¹⁰⁹ “*Ergo sub figuratitatem historiae plenam hominis monstravimus statum*” (FVLG. Virg. cont. p. 89, 25 - 90,2).

entre outros que, vez ou outra, fizeram uso de um vocabulário antigo em suas obras.

A *Expositio sermonum antiquorum* traz em si fragmentos de diversos campos do saber antigo, variando desde ritos funerários antigos a costumes ligados ao povo etrusco, ainda elementos da oratória grega, poemas, peças e narrativas romanas, apresentando, assim, um caráter eclético próprio da sua especificidade enciclopédica:

[...] as entradas de 1 a 11 tratam de termos ligados aos costumes de sepultamento, adivinhação, sacrifícios religiosos e divindades menores, enquanto as de 12 a 62 (com exceção das entradas 14 e 48, que podem ser deslocadas e pertencem à primeira categoria) referem-se às palavras estranhas (coloquiais e técnicas), termos referentes a alimentos, barcos, utensílios, relativos às metrezes, e assim por diante, especialmente os que são encontrados em peças de teatro, poemas e romances (WHITTBREAD, 1971, p. 157)^{clxxxv}.

Conforme discutido acima, o interesse maior do autor da *Sermonum* é a Antiguidade, ou seja, como faz em outras obras, Fulgêncio busca reinterpretar o mundo antigo, explicando-o de alguma forma a facilitar-lhe a compreensão ou para imprimir camadas de sentido adaptadas a sua nova realidade. Assim sendo, na *Sermonum*, vemos esse interesse interpretativo, mas numa outra perspectiva, não diretamente a literária, mas a linguística, quer dizer, o que se vê aqui é um Fulgêncio registrando um léxico ligado à Antiguidade e – ao que se depreende – não mais em uso no período em que vive, portanto a motivação grosso modo não é diversa: trata-se da necessidade de se registrar elementos do tesouro da Antiguidade, em vias de desaparecimento, mas agora elementos linguísticos, donde se põe a língua como também um dos patrimônios de um povo (AMARANTE; ALMEIDA, 2015).

A obra, visto seu caráter compilatório e eclético, faz parte de uma tradição lexicográfica que caracteriza a Antiguidade Tardia, período em que há uma tendência à produção de compêndios, i. e., ao enciclopedismo, momento em que houve uma emergência de se preparar as gerações vindouras através da produção de obras, que, embora consideradas de pouca profundidade e de escassa originalidade, são úteis ao estudo e possibilitam, de modo compreensível e assimilável, o acesso à cultura clássica (BISOGLIO, 2012).

Segundo Whitbread (1971), a *Sermonum* assemelha-se, *mutatis mutandis*, a outras compilações e epítones da Antiguidade romana tardia, como a *De lingua latina* do erudito Marcos Terêncio Varrão e possivelmente, também do mesmo autor, uma obra perdida, a *Quaestiones Plautinae*, que trata sobre palavras difíceis das peças de Plauto. Há ainda a *Naturalis Historia* de Plínio, o Velho, uma enciclopédia que é um verdadeiro celeiro de material antigo; há um epítome organizado em vinte tomos do tratado enciclopédico *De verborum significatu* de Marco Vértio Flaco, célebre gramático que floresceu durante o período de Augusto; e ainda a obra de Nônio Marcelo, a *De compendiosa doctrina* (ou *De proprietate sermonum*), um compêndio de vinte livros que tratam das funções gramaticais e classes de palavras, sobre termos marítimos, vestuário entre outros assuntos (WHITTBREAD, 1971, p. 158).

As citações apresentadas na *Sermonum* são comuns às de eruditos, nas resoluções de limites de obras e período, como Varrão e Probo, Vétrio e Plínio, Frontão e Gélío, os grandes da lexicografia, as vozes dos ‘originais’ da Antiguidade, pois:

dos vários testemunhos relatados por Fulgêncio na explicação dos sermões, apenas três encontram correspondência com outros estudiosos ou eruditos ou lexicógrafos como Festo ou Nônio ou Sérvio ou Isidoro, além de vozes até desconhecidas para esses estudiosos (PENNSI, p. 135-136).^{dxviii}

Ainda a respeito da sua estrutura e conteúdo, a *Sermonum* foge da padronização geral dos glossários antigos, que são geralmente organizados por temas ou por ordem alfabética. Conforme vimos, é possível a identificação de certos agrupamentos temáticos, como palavras e frases ligadas a rituais religiosos (4-6, 9-10, 14), ritos funebres (1-3; *sandapilam; vispillo; pollinctor*), alimentos (39-42; *lentaculum; edulium; tucceia; ferulum*) e náutica (29-30; *stega; lembum*).

Como já se mostra claro em seu título, a obra é uma espécie de expositivo (em latim: ‘exposição’, ‘explicação’), portanto busca ‘explicar’, ‘definir’ ou ainda ‘elucidar’ termos considerados antigos ao período do autor. Daí, a estrutura básica da explicação dos sessenta e dois sermões não é complexa: iniciada sempre com a afirmação [Quid sit/ sint ...], é seguida de um comentário explicativo, que define a palavra, a partir do aporte de uma ou duas breves citações de autores clássicos:

7. [Que seriam suggrundaria] No tempo antepassado, os antigos chamavam suggrundaria os tímulos de crianças que ainda não tivessem completado quarenta dias, porque eles não podiam ser chamados busta, pois não havia ossos que queimassem inteiramente, nem tanta grandeza cadavérica que preenchesse o lugar; daí Rutilio Gêminio na tragédia *Astianacte* diz: “Ó infeliz, melhor do que um sepulcro, a pequena cova tu lamentas”.^{ix}

Essa metodologia compositiva é utilizada por Fulgêncio, buscando-se a transmissão de três itens principais: a palavra ou frase a ser definida, a definição em si e uma citação ilustrativa, como pode ser visto no sermo 7, acima, utilizado aqui como exemplo da técnica fulgenciana aplicada nos demais sermões.

4 *De aetatibus mundi et hominis (Das idades do mundo e da humanidade)*^{dxviii}

A *De aetatibus mundi et hominis* é a obra fulgenciana nitidamente mais cristã. Nesse escrito, o Mitógrafo descreve – poeticamente e a partir de sua ótica moral religiosa – quais seriam as fases cronológicas do mundo e do ser humano. Desse modo, a composição em tela acaba adquirindo relevo não apenas para o campo literário, mas

também para pesquisas desenvolvidas em âmbito histórico, filosófico e teológico.

A dimensão formal da *De aetatibus* desperta alguma curiosidade, visto que diz respeito a um lipograma, uma modalidade de escrita constrangida em que seu autor evita, deliberadamente, o emprego de uma ou mais letras do alfabeto. A produção fulgenciana consiste em um lipograma consecutivo, na medida em que se omite sequencialmente o uso das 14 letras iniciais relativas ao alfabeto líbico-latino de Fulgêncio.

Assim, o Mitógrafo subdividiu sua obra em 14 seções, evitando, em cada uma delas, o uso de um determinado grafema, o que foi empreendido de ‘a’ a ‘o’. Ocorre que nosso lipogramista parece, em seu prólogo, anunciar que utilizaria todas as 23 letras de seu alfabeto^{dxviii}. Além disso, o Livro XIV se encerra de modo abrupto, com uma ligeira referência ao imperador Valentiniano I. Levando em conta tais elementos, alguns estudiosos como Reifferscheid (1883) e Franz Skutsch (1910 apud Manca, 2003) entendem que a obra estaria inacabada, enquanto outros como Helm (1898) e Pennisi (1963) advogam pela completude do lipograma, considerando o próprio desenvolvimento da narrativa.

A nosso entender também se afigura plausível sustentar a integralidade da *De aetatibus*. Isso porque naquele que seria o penúltimo Livro disponível (Ausente O), Fulgêncio parece sugerir que já encerrará sua obra na seção seguinte (Ausente N). Ademais, sopesando a precedência poética da oposição entre os elementos ‘a’ e ‘o’, no tange ao contraste teológico-cristão entre o alfa e o ômega, entendidos como início e fim dos tempos, a hipótese de completude se reforça. Nesse sentido, não parece ser mero resultado de uma falha no processo de transmissão textual que – em uma obra que visa exatamente a descrever as idades cronológicas do mundo e do ser humano – os marcos inicial e final coincidam com os termos ‘a’ e ‘o’.

Outra problemática filológica relevante versa sobre a natureza (a)lipogramática do prólogo. Quanto a isso, a edição crítica de referência da área, estabelecida pelo filólogo latinista Rudolf Helm (FVLGENTII, 1898), estampa o prólogo como sendo alipogramático e separado do Livro I, que se iniciaria apenas com a narrativa do Pecado Original. O comentarista italiano Manca (2003), que foi seguido por Gregory Hays (2019), assevera, contudo, que o editor crítico teria ignorado, já no prólogo, uma inscripção indicadora do início do lipograma e presente nos manuscritos Vaticano e Turinensis. Ademais, ele também ressalta que a maioria das unidades lexicais portadoras do grafema ‘a’ diriam respeito ao ditongo ‘ae’, que poderia ter sido facilmente alvo de simplificação. Por fim, assinala ainda que o primeiro Livro ostentaria uma extensão desproporcional ante o todo orgânico da obra, visto que – se excluído o prólogo de sua conformação – seria significativamente menor que os demais^{xc}.

Atendo-nos mais especificamente quanto à dimensão estilística da *De aetatibus*, é preciso ainda tecer algumas considerações a respeito de sua estrutura. Seguindo

^{ix} “7. [Quid sint suggrundaria] Priori tempore suggrundaria antiqui dicebant sepulchra infantium qui necdum quadrigina dies impleverant, quia nec busta dici poterant, quia ossa quae comburentur non erant, nec tanta immantitas cadaveris quae locum tumisereat; unde et Rutilius Geminus in *Astianactis* tragodia ait: ‘Melius suggrundarium miser querens quam sepulchrum?’ (FVLG. serm. 113, 19 – 114, 5).

as alegações de Crisóstomo Santos Júnior (2019a; 2020d), essa obra se insere em uma tradição de escrita constrangida que foi explorada desde a Antiguidade até a Contemporaneidade, ainda que ocupando, durante um longo período, um baixo grau de evidência. Assim, do ponto de vista estilístico, é também perceptível uma aproximação do lipoograma com outros escritos, a exemplo do centão, do acróstico, do tautograma, do anagrama e do palíndromo^{xxii}.

Em tal panorama, o escrito ora analisado adquire uma posição especial, tendo em vista que, segundo assevera Georges Perec (OULIPO, 1973), ele teria sido o mais antigo lipoograma atestado. De fato, a fortuna crítica costuma mencionar lipoagramistas anteriores a Fulgêncio, a exemplo de Píndaro, Partênio de Niceia, Nestor de Laranda, Trifodoro e Laso de Hermione. É de se ressaltar, entretanto, que, de todos esses escritores, teriam chegado até nós tão somente alguns fragmentos em grego antigo atribuídos a Hermione. Dessa maneira, é apenas a partir de Fulgêncio que se pode concretamente atestar a incidências das construções lipoagramáticas.

No prólogo da *De aetatibus*, o Mitógrafo utiliza a expressão *opus durissimum* (“obra duríssima”) para definir sua obra. Nesse sentido, verifica-se, de fato, curiosa a potência estilística que o escrito acaba adquirindo, na medida em que, a cada seção da obra, o desafio linguístico se altera, já que a própria frequência das letras em latim se demonstra distinta. Assim, existem partes sensivelmente restritivas, a exemplo dos Livros com construção vocálica, enquanto outras seções praticamente não limitam seu escritor, como ocorre com o Livro X, em que a letra *a* ser evitada seria a *k*, muito rara em latim e em português.

A escrita lipoagramática engendra uma série de dificuldades a seu compositor, que se vê obrigado a evitar um conjunto de unidades lexicais. Buscando contornar tal desafio, Fulgêncio se valeu de antonomásias, perifrases, circunlóquios, metáforas, supressões, arcaísmos e grecismos, fornecendo pistas também para seu tradutor, que, em língua portuguesa, buscou se aventurar no jogo construtor sugerido pela *De aetatibus*.

A estrutura formal adotada pelo autor Fulgêncio também reverberou em nosso projeto tradutório, já que nos vimos desafiados pelas construções estilísticas articuladas. Assim, considerando a relevância, em tal obra, dessa marca, responsável até mesmo por inseri-la em uma posição de destaque na História da Arte e, em particular, da História da Escrita Constrangida, reputamos oportuna a realização de uma tradução lipoagramática, que cultivasse ativamente as restrições linguísticas ventiladas, voltando-se para um singular processo de fruição poética de natureza transcritadora. Assim sendo, estamos realizando a primeira tradução lipoagramática da *De aetatibus*, visto que essa obra só recebeu, até então, duas traduções alipoagramáticas: uma para o inglês, realizada por Leslie Whitbread (1971), e outra para o italiano, efetuada por Massimo Manca (2003).

Por outro lado, é também sabido que, no campo de Estudos Clássicos e Latinos Medievais, os estudiosos muitas vezes anseiam por traduções que lhes permitam um mergulho mais célere no conteúdo temático do texto de partida, sendo, até mesmo, relativamente comum a existência de edições bilíngues. Assim, o leitor do texto antigo

busca, em instantes, muito mais um acesso ao texto latino mediado por uma tradução, do que efetivamente fruir de elementos relativos à sua dimensão poética textual no texto de chegada. Dessa maneira, também julgamos necessária a proposição de um trabalho tradutório alipoagramático, que se revestisse de uma linguagem mais fluida e de maior valorização dos casos latinos e de sua sintaxe.

Saliente-se, por fim, que nosso projeto buscou fornecer dois produtos tradutórios diversos que foram concebidos a partir de critérios tradutórios similtaneamente diferentes. Assim, buscou-se expandir o espectro de apreciação da *De aetatibus*, demonstrando ainda mais sua leitura, a partir da inclusão de objetivos variados por parte do público^{xxiii}.

Considerações finais

Com a escrita deste texto, registramos, pois, a conclusão de um projeto que culmina com a tradução completa dos textos fulgencianos ao português. De suas obras, a primeira, intitulada *O livro das Mitologias de Fulgêncio* (AMARANTE, 2019), já se encontra publicada, assim como já se publicaram partes da *De aetatibus* (vd. Santos Jr. nas referências). A tradução completa da *De aetatibus* e da *Virgiliana* e *Sermonum* estão em processo de encaminhamento para publicação futura.

Esperamos poder em breve apresentar publicados os quatro textos que foram objetos de discussão nesse capítulo. Esperamos que o leitor perceba, pela sua leitura dos próprios textos, alguma unidade de interesse nos propósitos fulgencianos, conforme propusemos aqui.

- AMARANTE, José. **O livro das Mitologias de Fulgêncio: os mitos clássicos e a filosofia moral cristã**. Salvador: Edufba, 2019.
- AMARANTE, J. L'architettura orizzontale dei tre libri delle *Mythologiae* di Fulgenzio, SIFC v. 16, fasc. 2, p. 157-200, 2018a.
- AMARANTE, J. A explicação fulgenciana para o surgimento dos deuses: um amálgama pagão-cristão? *Hypnos*, n. 41, p. 215-236, 2018b.
- AMARANTE, J.; ALMEIDA, S. P. S. N. **Os temas e as fontes de Fulgêncio em “Expositio sermonum antiquorum”**. Mariana: XX Congresso da Sociedade Brasileira de Estudos Clássicos, 2015 (comunicação, mimeo).
- BÍBLIA SAGRADA. São Paulo: Editora Paulus, 1990.
- BISOGNIO, A. Cultura cristã, artes liberais e saberes pagãos. In: ECO, Umberto (org.). *Idade Média: bárbaros, cristãos e muçulmanos*. Introdução à *Idade Média*. 3. ed. Lisboa: Publicações Dom Quixote: Milão, 2012. p. 338-340.
- BOCCACCIO, G. **Los quince libros de la ‘Genealogia de los dioses paganos’**. Madrid: Centro de Lingüística Aplicada Atenea, 2007.
- BRISSON, Luc. **Introdução à filosofia do mito**. I. Salvar os mitos. Trad. José Carlos Baracat Junior. São Paulo: Paulus, 2014.
- COMMELINUS, H. **Mythologici Latini**. (...). [Heidelberg]: ex Bibliopolio Commeliniano, 1599.
- COMPARETTI, D. **Virgilio nel medioevo**. Florença: La Nuova Itália, 1943[1872].
- FRANCO DURÁN, M. J. Los manuales mitográficos medievales como fuente de transmisión de las fábulas antiguas, *Scriptura*, 13, p. 139-149, 1997.
- FULGENTII, F. P. **Opera**. Edição de Rudolf Helm. Lipsiae: Teubner, 1898.
- HAYS, G. **Fulgentius the Mythographer**: An Annotated Bibliography. 1999-2019. Disponível on-line: <http://people.virginia.edu/~bgh2n/fulgpbib.html>, acesso em 20/06/20.
- HAYS, G. A World Without Letters: Fulgentius and the De aetatibus mundi et hominis. *The Journal of Medieval Latin*, Turnhout, v. 29, p. 303-339, 2019.
- HAYS, G. The Date and Identity of the Mythographer Fulgentius. *The Journal of Medieval Latin*, 13, p. 163-252, 2003.
- HAYS, G. **Fulgentius the Mythographer**. Ann Arbor: UMI, 2001.
- HAYS, G. **Fulgentius the Mythographer**. Tese (Doutorado em Filosofia). New York: Cornell University, 1996.
- HELM, R. (ed.). **Fabii Planciadis Fulgentii Opera**. Lipsiae: Teubner, 1898.
- LACTANTIUS. **The Divine Institutes**: Books I–VII. Washington, D.C.: Catholic University of America Press, 1964.
- LOCHER, J. (ed.). **Fulgentius Placiades** [sic] **in Mythologiis**. Expensis Ioannis Grunerii Ulmani. In officina Sigismundi Grym atque Marci Vuirsung, Auguste Vindellicorum, Anno MDCXXI.
- MATTIACCI, S. Apuleio in Fulgenzio. SIFC, IV, s. 16, p. 229-256, 2003.
- MATTIACCI, S. ‘Divertissements’ poéticos tardoaantichi: i versi di Fulgenzio Mitografò. **Paideia**, 57, p. 252-280, 2002.
- MOLTZER, J. (ed.). **C. Iulii Hygini Augusti Liberti Fabularum liber** [etc.]. Basileae: apud Ioan. Hervagium, 1535.
- MUNCKER, Th. (ed.). **Mythographi Latini**. C. Jul. Hyginus. Fab. Planciades Fulgentius. Lactantius Placidus. Albricus Philosphus. 2 voll. Amstelodami: ex officina viduae Joannis à Someren, 1681.
- OULLIPO. **La littérature potentielle: créations, re-créations, récréations**. Paris: Gallimard, 1973.
- PENNISI, G. **Fulgenzio e la Expositio sermonum antiquorum**. Firenze: Felice Le Monnier, 1963.
- PETRUS, H. F.P. **Fulgentii Christiani philosophi Mythologiarum libri tres**, [...] Basiliae: Excudebat Henricus Petrus, 1536.
- PIUS, G. B. (ed.). **Fulgentius. Enarrationes allegoricae fabularum**. Mediolani: per magistrum Videricum Schinzenzeler, 1498.
- REIFFERSCHIED. **Anecdottum Fulgentianum**. In: Index Scholarum in Universitate Literarum Vratislaviensi. Bratislava: Typis officinae Universitatis [W. Friedrich], 1883. p. 3-10.
- ROSA, F. (a cura di). **Fulgenzio. Commento all'Eneide**. Milano-Trento: Carocci, 1997.
- SACCHI, Paolo Felice. **Vertigo, Paradox, and Thorns. Epitomic Writing in Virgilius Grammaticus, Solinus, Fulgentius**. Tese de doutorado. Belgium, Gent: Universiteit

- Genf, Faculteit Letteren en Wijsbegeerte, 2020.
- SANTOS JÚNIOR, C. J. A De aetatibus mundi et hominis sem a letra 'a', por Fulgêncio, o Mitógrafo: tradução lipogramática do prólogo. **Nuntius Antiquus**, Belo Horizonte, 16 jul. 2020a.
- SANTOS JÚNIOR, C. Fulgêncio sem a letra 'C' tradução do livro III do lipograma de AETATIBUS MUNDI ET HOMINIS. **Belas Inféis**, Brasília, v. 9, n. 1, p. 243-249, 2020b.
- SANTOS JÚNIOR, C. A vida de Jesus Cristo sem a letra 'm', por Fulgêncio, o Mitógrafo: tradução do livro XII do lipograma De aetatibus mundi et hominis. **Phaos**, Campinas, v. 20, p. 1-8, 2020c.
- SANTOS JÚNIOR, C. Vestígios do experimentalismo poético greco-latino. **Anuário de Literatura**, Florianópolis, v. 25, n. 1, p. 172-191, jun. 2020d.
- SANTOS JÚNIOR, C. A problemática do prólogo da De aetatibus e sua tradução alipogramática. **CODEX**, Rio de Janeiro, v. 8, n. 1, p. 321-330, 2020e.
- SANTOS JÚNIOR, C. A idade bíblica dos juizes sem a letra 'g': tradução do Livro VII do lipograma De aetatibus mundi et hominis de Fulgêncio, o Mitógrafo. **Revista Archa**, Brasília, n. 30, e03023, 2020f.
- SANTOS JÚNIOR, C. Rastros da tradição literária experimental. **Estudos Linguísticos e Literários**, Salvador, n. 62, p. 130-147, 2019a.
- SANTOS JÚNIOR, C. O problema da transmissão textual entre os dois Fulgências. **Ta-buleiro de Letras**, Salvador, v. 13, n. 2, p. 208-226, 2019b.
- SANTOS JÚNIOR, C. Refletindo a fenomenologia de uma tradução lipogramática da De aetatibus mundi et hominis. **PERcursos Linguísticos**, Vitória, v. 9, p. 101-119, 2019c.
- SANTOS JÚNIOR, C. Traduzindo o quarto Livro do lipograma fulgenciano. **A Palo Seco**, Itabaiana, n 12, p. 90-94, 2019d.
- SANTOS JÚNIOR, C.; AMARANTE, J. Adão, Eva, Cain e Abel sem a letra 'a', por Fulgêncio, o Mitógrafo: tradução do Livro I do lipograma De aetatibus mundi et hominis. **Rônai**, Juiz de Fora, v. 8, n. 1, p. 88-98, 2020.
- SANTOS JÚNIOR, C.; AMARANTE, J. Elementos da tradição palindrômica antiga. **Afluentes**, Bacabal, v. 4, p. 195-213, 2019.
- SANTOS, M. M. dos. Les références aux Mythologies de Fulgence dans la **Genéalogie des dieux païens** de Boccace. In: CASANOVA-ROBIN, H.; LONGO, S. G.; LA BRASCA, F. **Boccace humaniste latin**. Paris: Classiques Garnier, 2016. p. 251-280.

STAWEREN VAN, A. (ed.). **Auctores mythographi Latini**. [...] Lugduni Batavorum: apud Samuelem Luchtmans; Amstelodami: apud J. Weistonium et G. Smith, 1742.

STOPACCI, P. O Enciclopédismo e Isidoro de Sevilha. In: ECO, Umberto (org.). **Idade Média: bárbaros, cristãos e muçulmanos. Introdução à Idade Média**. Milão: Encyclomedia Publishers s.r.l., 2012. p. 502-505.

VALERO MORENO, J. M. **La Expositio Virgilianae de Fulgencio**: poética y hermenéutica. **Revista de poética medieval**, 15, p. 112-192, 2005.

VENUTI, M. **Il prologo delle Mythologiae di Fulgenzio. Introduzione, testo critico, traduzione e commento**. Napoli: Paolo Loffredo Iniziative editoriali, 2018.

VENUTI, M. **Il prologo delle Mythologiae di Fulgenzio. Analisi, traduzione, commento**. Dissertazione di Dottorato. Parma: Università di Parma, 2009.

WHITTBREAD, L. G. **Fulgentius the Mythographer**. Columbus: Ohio State University Press, 1971.

WOLFF, É. (ed.). **Fulgence, Virgile dévoilé**. Villeneuve d'Ascq: Les Presses Universitaires du Setentrion, 2009.

WOLFF, É.; DAIN, Ph. (éds) **Fulgence, Mythologies**. Villeneuve d'Ascq: Les Presses Universitaires du Setentrion, 2013.

Notas Finais



- i LIDDELL, Henry George and SCOTT, Robert. A Greek-English Lexicon. Oxford University Press: New York, 1996.
- ii GENNER, Arnold Van. The rites of passage. Translated by Monika B. Vizedon. Routledge Library Editions: London, 2004.
- iii www.persus.tufts.edu (Apollodorus, Library and Epitomes, 2.5.12)
- iv HOMERO. *Odyssey*. Translated by A. T. Murray. Harvard University Press: London, 2002. (Loeb Classical Library), Book XI.
- v VIRGIL. *Ecloges* Georgics Aeneid. 2V. Translated by H. R. Fairclough. Harvard University Press London, 2001. (Loeb Classical Library), Georgics, Book IV, 453 ss.
- vi www.persus.tufts.edu (Apollodorus, Library and Epitomes, 2.5.12)
- vii Para a referência da astúcia de Hera, com relação a Zeus, fazendo de Euristeu o rei, quando Zeus pensava em Hércules, v. *Ilíada*, XIX, 90-133.
- viii MIRCEA, Eliade. Rites and symbols of initiation: the mysteries of birth and rebirth. Translated by Willard R. Trask. Putnam: Spring Publications, 2005, p. 112.
- ix HOMERO, *Odisseia*, XIX, v. 399-409.
- x HOMERO, *Odisseia*, XIX, v. 124-129.
- xi V. Canto VIII da *Odisseia*, na recepção a Odisseu entre os Feácios, em que Demódoco canta o episódio do cavalo de Tróia.
- xii VIRGÍLIO, Livro I, v. 257-296.
- xiii VIRGÍLIO, Livro III, v. 441-444.
- xiv VIRGÍLIO, Livro V, v. 724-739.
- xv VIRGÍLIO, Livro VIII, v. 608-731.
- xvi HOMER. *Iliad*. Translated by A. T. Murray. Harvard University Press: London, 2003. (Loeb Classical Library), Σ, 478-608.
- xvii VIRGÍLIO, Livro VIII, v. 626-728.
- xviii VOLPIS, Leone. *Virgílio Eneide* Livro sexto. Milano: Carlos Signorelli, 1953.
- xix GLARE, 2003, p. 1238.
- xx Daí o significado do nome proposto pelo próprio Virgílio. Averno seria proveniente do grego *áopovs*, significando sem pássaro (VI, 236-242).
- xxi VERNANT, Jean-Pierre. *Mito e religião na Grécia antiga*. Trad. Joana Angélica D’Ávila Melo. São Paulo: Martins Fontes, 2006.
- xxii Ver *Ilíada*, Canto I, v. 37-42, na prece de Crises a Apolo, e v. 62-67, na fala de Aquiles, sugerindo a consulta a um adivinho, para saber o motivo de Apolo ter enviado ao acampamento a peste que dizimava o exército grego.
- xxiii HOMERO. *Odisseia*, XI, v. 23-50.
- xxiv HESÍODO, *Teogonia*, v. 383-403.

xxv O escudo (*ancile*), segundo Tito Livio, teria caído do céu, *caelestiaque arma, quae ancilia appelluntur* (*Ab Urbe Condita*, I, 20), armas celestes, que são chamadas de escudos.

xxvi Espécie de toga de cor púrpura usada pelos reis.

xxvii Primeiro ato de arar a terra.

xxviii O pronome *hi*, estes, faz referência a Públio Cornélio Cipião e Marco Júnio Camilo.

xxix *Interregnum* é o espaço decorrente entre dois reinados.

xxx O termo *nonae* era empregado, pois das *nonae* para os *idus* havia um espaço de nove dias. Sendo assim, nos meses em que as *nonae* determinavam o 7º dia de cada mês, os *idus* marcavam o 15º dia. Nos meses de abril, junho, setembro e novembro, as *nonae* determinavam o 5º dia, e os *idus* o 13º dia.

xxxi A relação de tais deuses se encontra em *Le Culte Chez les Romains*, p. 11.

xxxii *Teogonia*, v. 542 e v.643.

xxxiii *Eneida*, I, v. 65.

xxxiv *Iidem*, I, v. 254.

xxxv *Ibidem*, I, v.665.

xxxvi *Ibidem*, I, v.60; III, v.251.

xxxvii *Ibidem*, II, v.689.

xxxviii *Fulgurator* é o que lança relâmpagos; *Tonitrualis* e *Fulminator*, os que lançam raios; *Imbricator*, o que faz chover; *Serenator*, o que acalma; *Fringiferum*, o que gera frutos, o fértil, o fecundo; *Tropaephorus*, o que traz o troféu, o vencedor.

xxxix Respectivamente, Vencedor, Invenível, Auxiliador, Instigador, Mantenedor, De cem pés, Destruidor, Sustentador, Alimentador, Nutridor.

xl *Salii* eram os antigos sacerdotes de Marte.

xli *Flamen* era o sacerdote que se consagrava a uma divindade particular. *Flamen Dialis*, *Flamen Martialis*, *Flamen Quirinalis*, respectivamente, sacerdote de Júpiter, sacerdote de Marte, sacerdote de Quirino.

xlii *vir* refere-se a Varrão.

xliii O trimetro jâmbico era composto por três dípodas de jâmbico justapostas. Já Aristóteles, em sua *Poética*, argumenta sobre seu uso na tragédia e na comédia associando-o à fala cotidiana (1449a): “quando se desenvolveu o diálogo, o engenho natural logo encontrou o metro adequado; pois o jâmbico é o metro que mais se conforma ao ritmo natural da linguagem corrente: demonstra-o o fato de muitas vezes preferirmos jâmbos na conversação, e só raramente hexâmetros, quando nos elevamos acima do tom comum” (Trad. Eudoro de Souza, 1973).

xliv Todas as traduções, exceto se especificado o contrário, são de minha responsabilidade. Adoto a edição de Stevens (1971) para o texto grego.

xlv O dístico elegíaco alterna hexâmetros datílicos, o metro próprio da poesia épica – composto por seis pés datílicos ou espondeus – com pentâmetros (ou, mais propriamente, dois hemístiquos de hexâmetro justapostos). Na tradução do passo elegíaco da *Andrômaca*, embora não busque em nenhum sentido reproduzir tal metro em língua portuguesa, busquei manter, ao menos graficamente, a estruturação em dísticos.

xlvi Adoto a edição de Garvie (2009).

xlvii Adoto aqui, em suas linhas gerais, o argumento de Arthur (1981), Schein (1984, p.168-191) e Redfield (1994, pp.109-110).

xlviii Um exemplo é o episódio da morte de Pátroclo, que incorpora cenas, motivos e linguagem atinentes à morte de Aquiles, que não é contada no poema (ver Schein, 1984, p. 155-156).

xlix Adoto a edição de van Thiel (2010) para a tradução dos excertos da *Ilíada*.

l A tradução adota a edição de Bury (1926).

- II Tradução de Ícaro Francesconi Gatti (2012). A edição do texto grego é de Severyns (1977).
- III Para a tradução deste excerto da *Odisseia* usei a edição de Allen (1975).
- IIII Tradução de Giuliana Ragusa (2011), segundo a edição de Eva-Maria Voigt (1971).
- IV Um índice de canto lamentoso em Safo é o fragmento 140 Voigt, um canto responsável à morte de Adônis, embora não definido tecnicamente como um treno.
- IV Tradução de Maria Helena da Rocha Pereira (2017), a partir da edição de Burnet (1949).
- VI Ver Swift (2010).
- VII Adoto para a tradução a edição de Dodds (1960).
- VIII Usado também no Hino Delfico a Dioniso, de Filodamo, e no hino de Ícaro nas Rãs de Aristófanes (vv.3245s.). Ver Dodds, 1960, pp. 72-74.
- IX São fundadores os textos de West (1974) e Bowie (1986). Para um desenvolvimento da discussão aqui apresentada, ver Brunhara (2014).
- IX Edição do texto: Diggle (1982).
- XI Ver Fowler (1987).
- XII Sobre o Polândrio de Ambrácia, ver D'Alessio (1995). Uma tradução destes versos pode ser lida em Brunhara (2014, p.27).
- XIII Utilizo a edição de Martin West (1972) para a tradução das elegias arcaicas de Arquiloco e Tirteu.
- XIV Aristófanes, *Aves*, v.214.
- XV *Troianas*, v.199; *Jfigênia em Tâurís*, v.146; *Helena*, v.185; *Orestes*, v.968; Eurípides, *Hipsípílie*, 8-10, Cockle).
- XVI COSTA, 2014, p. 11, 61; cf. o prefácio de Anatol Rosenfeld em LESKY, 2003, p. 14.
- XVII LESKY, 2003, p. 21-23.
- XVIII Para atender à leitura do texto grego, faz-se necessário transliterar, pelo menos, palavras e expressões isoladas na primeira ocorrência. A transliteração é escrita entre colchetes quando segue a própria palavra grafada em caracteres gregos (ROSSETTI, 2006, p. 327-337).
- XIX palavra *ἀμαρτία* [hamartía] é uma palavra composta e deverbal, derivada do verbo *ἀμαρτάνω* [hamartano], que literalmente significa errar o alvo, errar a marca. Assim, *ἀμαρτάνω* tem, amíde, a aceção de falhar no propósito, fazer errado, negligenciar. O *α* de *ἀμαρτάνω* é privativo. Por fim, a palavra *ἀμαρτία* [hamartía] significa falha, falta ou erro. Essa culpa não é senão o estado de esquecimento diante dos verdadeiros objetivos reais (MORWOOD; TAYLOR, 2002, p. 17; PEREIRA, 1998, p. 29; LIDDELL; SCOTT; JONES, 1996, p. 77. Confronte com a aceção judaico-cristã em LUST; EYNIKEL; HAUSPIE, 1992, pt. 1, p. 22-23; RUSCONI, 2003, p. 36).
- XX LIDDELL; SCOTT; JONES, 1996, p. 1150-1151.
- XXI ARISTOTELES, 1965, p. 10-11; MARTINS, 2009, p. 128.
- XXII ARISTOTELES, 1965, p. 11.
- XXIII ARISTOTELES, 1965, p. 12.
- XXIV ARISTOTELES, 1965, p. 12; MARTINS, 2009, p. 128-129.
- XXV ARISTOTELES, 1965, p. 17; MARTINS, 2009, p. 128-129.
- XXVI ARISTOTELES, 1965, p. 17; MARTINS, 2009, p. 128-129.
- XXVII ARISTOTELES, 1965, p. 14.
- XXVIII HOMERO, 2008, v. 1, p. 168; JEBB, 2010, v. 1, p. xiv.
- XXIX JEBB, 2010, v. 1, p. xiv.
- XXX JEBB, 2010, v. 1, p. xv.
- XXXI JEBB, 2010, v. 1, p. xiv.
- XXXII MORWOOD; TAYLOR, 2002, p. 8; PEREIRA, 1998, p. 16; LIDDELL; SCOTT; JONES, 1996, p.

- XXXIII FREIRE, 1991, p. 205-206.
- XXXIV NIETZSCHE, 2014, p. 7-8.
- XXXV LESKY, 2003, p. 34-35.
- XXXVI JEBB, 2010, v. 1, p. xvii, xxi.
- XXXVII Ocorre o verbo *ἀμαρτάνω* [hamartano], mas esse não se aplica a Édipo. Faz parte da pergunta retórica do servo e pastor de Laio quando inquirido (*Oedipus Tyrannus* 1149).
- XXXVIII Cf. *Ethica Nicomachea* 114a.7-8; ARISTOTELES, 2010, p. 50; VERNANT; VIDAL-NAQUET, 2014, p. 40.
- XXXIX ARISTOTELES, 1965, p. 20.
- XC LESKY, 2003, p. 29-31, 41-43.
- XCI LESKY, 2003, p. 29-30.
- XCII A doutrina do estoicismo defendia a perfeição do sábio. Para Sêneca, o próprio sábio não pode não pecar. Ainda, segundo ele, o verdadeiro sábio não existe; se não peca, não existe. Apenas existe um sábio que, não erradicando o pecado, afasta-se dele aos poucos. REALE, 2008, v. 7, p. 79-80.
- XCIII LESKY, 2003, p. 42; REALE, 2008, v. 7, p. 79-80. Não obstante, as aceções de *ἀμαρτία* e *ἀμαρτάνω* [hamartano], como erro, pecado, falha, errar, pecar, falhar, podem ser encontradas na *Septuaginta*, mas geralmente ligadas às observâncias religiosas (LUST; EYNIKEL; HAUSPIE, 1992, pt. 1, p. 22-23; RUSCONI, 2003, p. 36; GLABE, 2015 p. 1448).
- XCIV ARISTOTELES, 1965, p. 20; LESKY, 2003, p. 43.
- XCV ARISTOTELES, 1965, p. 20; JEBB, 2010, v. 1, p. xxvii; LESKY, 2003, p. 43.
- XCVI LESKY, 2003, p. 28-29.
- XCVII NIETZSCHE, 2014, p. 5.
- XCVIII ARISTOTELES, 1965, p. 20.
- XCIX LESKY, 2003, p. 28-29.
- C JEBB, 2010, v. 1, p. xxvii; COULANGES, 2004, p. 95-102.
- CI ARISTOTELES, 1965, p. 19-20; MARTINS, 2009, p. 127-128.
- CIi ARISTOTELES, 1965, p. 28-29.
- CIi ARISTOTELES, 1965, p. 28-29; MORWOOD; TAYLOR, 2002, p. 22; PEREIRA, 1998, p. 36; LIDDELL; SCOTT; JONES, 1996, p. 101.
- CIv MORWOOD; TAYLOR, 2002, p. 70; PEREIRA, 1998, p. 114, 115; LIDDELL; SCOTT; JONES, 1996, p. 350, 355.
- CV MORWOOD; TAYLOR, 2002, p. 3; PEREIRA, 1998, p. 6; LIDDELL; SCOTT; JONES, 1996, p. 12.
- CVI MORWOOD; TAYLOR, 2002, p. 22; PEREIRA, 1998, p. 391; LIDDELL; SCOTT; JONES, 1996, p. 1180-1181; FERRATER MORA, 1964, t. 2, p. 303-304; FOBES, 1959, p. 284.
- CVII A palavra *παράνοια* [paranoia] é um substantivo composto e deverbal, derivado do verbo *παράνοός* [paranoos], que pensamento desviado, loucura ou delírio, uma anormalidade do *νοῦς* [nous]. MORWOOD; TAYLOR, 2002, p. 245; PEREIRA, 1998, p. 433; LIDDELL; SCOTT; JONES, 1996, p. 1319; FREIRE, 2001, p. 268.
- CVIII Platão, *Leges* 9.860d (PLATO, 1926, v. 2, p. 222-223); Platão, *Leges* 5.731c, 5.734b (PLATO, 1926, v. 1, p. 336-337, 346-347); Platão, *Timaeus* 86e (PLATO, 1929, v. 9, p. 234-235).
- CIX VERNANT; VIDAL-NAQUET, 2014, p. 36-37.
- CX VERNANT; VIDAL-NAQUET, 2014, p. 35.
- CXI VERNANT; VIDAL-NAQUET, 2014, p. 37.
- CXII VERNANT; VIDAL-NAQUET, 2014, p. 37.
- CXIII VERNANT; VIDAL-NAQUET, 2014, p. 35-36.
- CXIV MORWOOD; TAYLOR, 2002, p. 245; PEREIRA, 1998, p. 433; LIDDELL; SCOTT; JONES, 1996, p. 1319; FREIRE, 2001, p. 268.

- cxv VERNANTJ, VIDAL-NAQUET, 2014, p. 37.
- cxvi VERNANTJ, VIDAL-NAQUET, 2014, p. 37-38.
- cxvii ARISTOTELES, 1965, p. 20.
- cxviii NIETZSCHE, 2014, p. 5.
- cxix ARISTOTELES, 1965, p. 22.
- cx Cf. a nota sobre a linha 1360 em SOPHOCLES, 2010, v. 1, p. 246-247. A palavra *δῶτος* significa santificado pela divina lei ou pela lei da natureza; sagrado; aprovado pelos deuses; santo; pio; casto; puro MORWOOD; TAYLOR, 2002, p. 225. A palavra *δῶτος* é a negação do *δῶτος*.
- cxxi Este capítulo é parte de meu pós-doutorado, supervisionado pelo Prof. Dr. José Antônio Alves Torrano, na Universidade de São Paulo (USP), com financiamento da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP).
- cxvii Sobre a importância da vida prática em *Diálogo do Amor*, consultar: FRAZIER, 2008, p. XXXIII-XXXVIII.
- cxviii Do caráter conselheiro da filosofia à época de Plutarco, ver: FOUCAULT, 2010.
- cxvix A intenção de Plutarco de unir a filosofia à prática demonstra a influência vinda da poesia grega anterior, como Platão e Aristóteles, sobre isso, verificar: PRICE, 2011.
- cxv Da misoginia de Eurípidés, averiguar: MARCH, 1990.
- cxvi Segundo o Catálogo de Lâmprias, Plutarco escreveu o tratado n. 205 dedicado ao pensamento de Heráclito, intitulado *Sobre o que pensou Heráclito*, que não chegou ao nosso tempo. Além disso, Plutarco é uma fonte importante dos fragmentos de Heráclito (HERSHBELL, 1977).
- cxvii De acordo com o Catálogo de Lâmprias, Plutarco escreveu o tratado de n. 43, intitulado *No Décimo Livro de Empédocles*, ainda que não tenha sido preservado. Nosso autor cita muitos pensamentos do filósofo e poeta siciliano em sua obra, o que o torna uma importante fonte de fragmentos pertencentes a Empédocles (HERSHBELL, 1971).
- cxviii Para uma análise mais detalhada do uso plutarquiano do fragmento de Parmênides e dos versos de Hesíodo, consultar: MARTIN JR, 1969.
- cxix Como notou Pérez Jiménez (2004), Plutarco segue o pensamento cosmogônico hesiódico, porque o poeta de Ascrá sistematizou o *corpus* mítico tradicional, conhecido por todos os gregos.
- cxix O pensamento de Crisipo representa a contribuição do ceticismo na reflexão plutarquiana quanto ao amor. Para a leitura que Plutarco faz dos célticos, verificar: DELACY, 1953.
- cxviii Homero é um autor importante para a finalidade pedagógica desse tratado plutarquiano, por conta de seus símiles e de sua fama entre os gregos de “mestre da sabedoria”. Para uma leitura mais aprofundada sobre a questão, ver: D’IPPOLITO, 2004.
- cxviii Em *Hipólito*, Eurípidés exalta a amizade e a honestidade entre os homens (PAGLIALUNGA, 2002/2003).
- cxviii O amor entre os guerreiros está presente na tradição literária grega, em particular, entre os espartanos. Há dois importantes artigos sobre o poder de Eros em um campo de batalha: HINDLEY, 1994 e 1999.
- cxviii Acerca do amor entre Aquiles e Pátroclo, averiguar: CLARKE, 1978.
- cxvix Para uma melhor compreensão do poema, consultar: SUTTON, 1983 e HORDERN, 1999.
- cxviii Há uma análise hermenêutica na obra de Píndaro, da autoria de Ferra (1992), a respeito do significado da frase “escaparam de Aqueronte”.
- cxviii Existe a versão platônica de Eros, filho de Poros e Penia, em que a mãe daquele Métris tem participação nos atributos de Eros, como Diótima, que herdou dela e Poros a habilidade na criação e execução de expedientes para alcançar seus fins (PLATÃO, *O Banquete*, 203b-d). Conforme notaram Détieme e Vernant (2008, p. 135), a associação entre Métris e Eros já fora

registrada por Parmênides (frag. 13), o que evidencia a recepção em Platão de um pensamento já existente, não se tratando de uma criação sua. Para uma análise mais detalhada do episódio, ver: NEUMANN, 1965.

cxviii Para ver uma lista de obras sobre a *História da Linguística* desde 1882-1976 ver Koerner (1978). De acordo com Koerner (2014, p. 11): “É verdade que podíamos talvez falar de uma tradição de 200 anos de escrita da história da Linguística, talvez a começar com o *Tableau des progrès de la science grammaticale* (1796, cf. Andresen 1978) de François Thurot (1768-1832), embora várias obras anteriores já tenham sido citadas, por exemplo o *Versuch einer Historie der deutschen Sprachkunst* (1747), de Elias Caspar Reichard (1714-1791) (cf. Koerner 1978c para referências a outras obras do século XVIII). Porém, como sugerem as fontes (Koerner 1978c: 1-4), é apenas a partir de finais da década de 1860 que surge um tipo de tratamento mais profundo da história da Linguística, do qual a *Geschichte der Sprachwissenschaft* (1869), de Theodor Benfey (1809-1881) pode ser considerada como o exemplo mais paradigmático. Este trabalho tinha sido precedido pela obra de Heymann Steinthal (1823-1899), de 1863, que procurou substituir os três volumes de *Die Sprachphilosophie der Alten* (1838-1841) de Laurenz Lersch (1811-1849), mas que só trata das contribuições da Grécia e Roma para o pensamento linguístico”. Essa mesmas informações são encontradas também em Koerner 1995, p. 03; 2004, p. 28).

cxviii Robins (1979 [1967], p. xvi) chega mesmo a afirmar que: “O interesse atual que os linguistas demonstram pelo desenvolvimento passado e recente da sua ciência é em si mesmo sinal da maturidade que a linguística, independentemente das suas possíveis aplicações práticas, alcançou como disciplina acadêmica”.

cx Podemos citar que um dos resultados desse empreendimento foi precisamente a compilação de antologias multiautorais sobre a história da Linguística, entre as quais podemos destacar, por exemplo, Auroux (ed. 1989-2000), Auroux; Koerner; Niederrehe; Versteegh (eds. 2000-2006), Lepschy (ed. 1994-98), Schmitter (ed. 1987-2007) entre outros.

cxli Como observa Vivien Law (1993, p. 2), os tratados gramaticais, entre os textos antigos, até mesmo entre os filólogos e os classicistas pareciam prescindir de um “valor intrínseco”, que justificasse o interesse em sua pesquisa. Diferente dos áridos e, por vezes, sem graça, tratados em torno da linguagem escrito por gramáticos gregos e romanos, os textos poéticos, retóricos e filosóficos, por outro lado, em virtude seus méritos estéticos ou conceituais, sempre tiveram a predileção dos estudiosos da Antiguidade.

cxlii Robins (1967, p. 9) chega a afirmar que: *Its simply that the Greek thinkers on language and on the problems raised by linguistic investigations initiated in Europe the studies that we can call linguistic Science in its widest sense, and that this Science was a continuing focus of interest from ancient Greece until the present day.*

cxlii Como por exemplo, Fortes (2012), Dezotti (2011, 2013) e Beccari (2013). No Programa de Pós-graduação em Linguística da UFJF, na linha de Pesquisa *Linguagem e Humanidades*, orientamos os seguintes trabalhos nessa perspectiva: Rocha (2015), Freitas (2016), Silva (2018), Rodrigues (2020).

cxli Com a neutralidade epistemológica, o classicista colabora para a concepção de que “não faz parte do nosso papel dizer se isto é mais ciência do que aquilo, mesmo se nos acontecer de sustentar que isto ou aquilo é concebido como ciência por este ou aquele critério”. E com o historicismo moderado, traz com o seu vastíssimo *corpus* de textos gregos e latinos informações decisivas para que a comunidade científica se possa convencer de que “o valor de um saber é dado de acordo com o grau de adequação desse saber a um fim dado (o que, entretanto, não conduz ao “mito da incomparabilidade”, segundo o qual seria impossível ler textos do passado)”.

cxlv Disponível em: <http://www.mlat.uzh.ch/MLS/xantfang.php?corpus=13&lang=0>

cxlvi Por exemplo, as dissertações de Dezotti (2007), Freitas (2016) e Rodrigues (2020).

cxlvii Cf. “the history of linguistics may well serve as a guard against exaggerated claims in terms of novelty, originality, breakthrough, and revolution in our (re)discoveries and, thus, lead to a less polemic kind of scientific discourse, or, as the late Paul Garvin suggested many years ago (Garvin 1970), a ‘moderation in linguistic theory’.” (tradução nossa).

cxlviii O presente trabalho faz parte do projeto de pós-doutoramento que atualmente desenvolvemos no Departamento de Estudos Clássicos, financiado pela Faculdade de Artes e Ciências da Universidade de Toronto.

cxlix Trecho inicial do diálogo 2 (22) “Caronte e Menipo” da obra “Diálogo dos Mortos” de Luciano de Samosata (atvno no séc. II d.C.) na tradução de Henrique G. Murachco (1996, p. 53). Agradeço ao caro professor e colega Breno Battistin Sebastiani que, gentilmente, me enviou as fotos do diálogo, pois meu exemplar do livro está no Brasil, infelizmente.

cl Pequena moeda grega que equivaleria a um centavo.

cli Diferentemente do que o filme “Troia” (2004) infelizmente disseminou, a moeda era colocada entre os lábios ou mesmo na boca do morto. A relação entre as moedas e as práticas mortuárias é discutida, por exemplo, por Stevens (1991).

clii Utilizo aqui o mesmo termo que estabeleci na análise dos epigramas fúnebres da minha tese de doutorado (AMARAL, 2018). O termo aglutina as duas funções assumidas pelo leitor do epigrama, pois a construção do epigrama com base epigráfica pressupõe como interlocutor alguém que passa diante da lápide e lê o que está escrito nela. Como o termo passante não abarca a função do leitor do epigrama já em contexto literário, foi adotado o composto transeunte-leitor para apreender as duas funções que o leitor do epigrama literário deve assumir ao estar diante de um exemplar do gênero.

cliii O epigrama 89 de Calímaco foi incluído por conta do recorte temporal do *corpus*. Entretanto, ele não é um epigrama fúnebre embora esteja arrolado no livro 7 da Antologia Grega. Já o epigrama 165 é atribuído por Gow and Page (1965) a Arquias, mas algumas outras edições mantêm a dupla atribuição, de Antípatro ou Arquias. Como foi adotada a edição que considera a atribuição a Arquias, é importante registrar que a datação desse epigrama pode ser posterior ao período helenístico.

cliv Todos os epigramas do *corpus* foram traduzidos para o português por Jesus (2019). Todos os epigramas de Calímaco haviam sido traduzidos, primeiramente, por Silva (2014), sendo que o 524 havia sido traduzido pelo mesmo autor em artigo no ano anterior. O mesmo epigrama (524) havia sido traduzido por Paes (1995). Em 2019, Flores publicou a tradução integral de Calímaco e em 2018, Amaral havia traduzido o epigrama 725 do mesmo epigramatista. Por fim, os epigramas de Meleagro do *corpus* haviam sido traduzidos por Amaral (2009).

clv Vale lembrar, entretanto, que, apesar do desenvolvimento do epigrama novo gênero, as inscrições seguem sendo produzidas ao longo do tempo, passando também por mudanças gráficas e ganhando novas localidades e línguas. Dessa maneira, haverá uma mútua influência da prática de ambas as modalidades ao longo do tempo, fenômeno que os pesquisadores da área têm estudado nos últimos anos.

clvi Há, porém, discussão sobre como a forma dialogada ocorre considerando também as inscrições e não apenas os epigramas literários, como aponta Kauppinen (2015), citando Rasche (1910) e Tueller (2008).

clvii Encontra-se um ciclo de epigramas de Gregório de Nazianzo (AG 8.104-117) que é justamente sobre túmulos violados: Floridi (2013) faz uma análise que compara inscrições de mesma temática com os epigramas literários de Gregório.

clviii Pode-se fazer essa afirmação em relação aos epigramas dialogados da *Antologia Grega*.

Entretanto, ainda não foram analisadas as inscrições dialogadas e, portanto, não se pode afirmar sobre como o fenômeno se dá nesse contexto.

clix Para maiores detalhes sobre o poeta, cf. Gutzwiller (1998) e Amaral (2009).

clx Para recentes discussões sobre Meleagro e sua obra, cf. “A Guirlanda de Meleagro de Gadara e o Epigrama Grego”, na série “Estudos Clássicos em Dia” (YouTube), promovida pela Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo e “Meleagro, um poeta na era das bibliotecas”, na série “Café Grego”, promovida pelo NUPEL (Núcleo Permanente de Extensão em Letras) da Universidade Federal da Bahia (YouTube).

clxi Ainda não há previsão de publicação do estudo.

clxii Entretanto, foram recolhidos cento e trinta e cinco epigramas dialogados da AG, no total, durante a minha pesquisa atualmente em andamento.

clxiii É curioso notar que todos os epigramatistas do *corpus* foram nomeados no próêmio de Meleagro (AG 4.1).

clxiv Agradeço ao caro colega Rafael Brunhara por ter me enviado uma foto do poema, pois, infelizmente, o meu exemplar do livro se encontra no Brasil.

clxv O texto desta pequena introdução bem como o texto da seção 1 (*As Mythologias*) são de José Amarante e refletem ideias e textos de sua autoria, presentes em *O livro de mitologias de Fulgêncio* (2019). Para traduções das *Mythologiae* de Fulgêncio para outras línguas, vd. Whitbread (1971), Wolff; Dain (2013) e, restrita ao prólogo do Livro I, Venuti (2018).

clxvi A questão é já bem discutida, de forma que hoje a confusão não mais se sustenta (AMARANTE, 2019; vd. tb. VENUITI, 2018, pp. 11-21). São leituras obrigatórias para esse tema os trabalhos de Gregory Hays constantes no site sob sua organização: <<http://people.virginia.edu/~bgn2n/fulgibio.html>>, onde se encontra uma bibliografia anotada do nosso autor.

clxvii Vd. Moltzer (1535), Petrus (1536), Commelinus (1599), Muncker (1681), Staveren (1742).

clxviii A tradução de Martha Venuti (2018) do prólogo do Livro I das *Mythologiae* é acompanhada de uma nova edição crítica referente a essa parte do texto, com a inclusão de novos manuscritos considerados. Para o texto de Helm, vd. Fulgentii (1898).

clxix A edição de Helm (1898) nos dá a obra como da autoria do bispo homônimo: “S. Fulgentii Episcopi Super Thebaliden”.

clxx “Egli calpesta ogni regola di buon senso in modo così aperto, grossolano e quasi brutale, che mai s’intende come un cervello sano abbia potuto concepire sul serio un così pazzo lavoro” (COMPARETTI, 1872, v. I, p. 149). “Both *Divine Comedy* and *Boticelli’s Primavera* would be very different works if Fulgentius had not written” (HAYS, 1996). As traduções citadas neste trabalho são nossas, exceto quando informamos outro tradutor.

clxxi Uma parte significativa do que hoje afirmamos em relação a Fulgêncio e sua obra se deve, principalmente, aos estudos desenvolvidos por Gregory Hays, em sua tese de doutorado *Fulgentius the Mythographer* (Cornell, 1996) e a estudos desenvolvidos em sequência (vd. HAYS, 1999-2019). Outros estudos sobre o autor costumam, nos últimos anos, girar em torno dos trabalhos de Martha Venuti, Étienne Wolff, Massimo Manca e Silvia Mattacci. Vd. Hays (1999-2019).

clxxii Para outros estudos, no Brasil, vd., p.e., Santos (2016).

clxxiii O caso mais evidente é o da sequência de interpretações eventeristas para explicar o ocorrido a Dânae e a Ganímedes, em que se citam os mesmos – e outras – personagens numa mesma sequência e com visíveis decalques léxico-sintáticos (vd. AMARANTE, 2019, p. 84). Sobre as fontes fulgencianas, veja-se também Hays (1996, partíc. cap. IV).

clxxiv Segundo Brisson, será com a redescoberta dos textos gregos no Renascimento que haverá uma predominância da influência do neoplatonismo (2014, p. 227).

clxxv Para alguma bibliografia sobre essas tradições, vd. Amarante (2019, p. 41-51).

clxxvi “Propone un’analisi complessiva dell’“architettura” delle *Mythologiae*, fornendone una lettura unitaria, avanzando ipotesi sull’organizzazione “orizzontale” della materia e interessanti proposte critiche riguardo ai *tituli delle fabulae*”.

clxxvii “Rather than relying on wide-ranging semantic matrices, Amarante concentrates on the micro-level of the transitions from one *fabula* to another. He aims to demonstrate that the *Mythologiae* not only constitute a network, but also that this network is linearly organized: its rationale emerges through the succession of myths, which, far from being disjointed, are proved to be readable “cover-to-cover”. As a result, Amarante’s analysis substitutes Wolff’s *structural cohesion* by resorting to a kind of *flow cohesion* – but *cohesion* is still the goal”.

clxxviii Cf. Venuti (2009; 2018), que apresenta uma bem cuidada revisão da edição de Helm no tocante ao Prólogo do Livro I e faz uma útil discussão sobre seu conteúdo e sobre sua estrutura (essa mesma estrutura é retomada por Wolff e Dain, 2013, pp. 12-15). Cf. também Hays (1996 [2001] e 2003) e Mattiacci (2002).

clxix Dados os limites deste trabalho, não se faz aqui um detalhamento do conteúdo e da estrutura do prólogo. Vd. a leitura de Venuti (2018, pp. 21-30) e de Mattiacci (2002). Em português, veja-se um resumo do Prólogo em Amarante (2019, p. 25-26).

clxxx Obviamente, fazemos referência aqui a esta narrativa no início do Livro I como uma fábula em separado, a partir do que a tradução tem considerado. Segundo Amarante (2018a e 2019), contudo, trata-se apenas de uma narrativa introdutória numa sequência discursiva una, em todo o Livro I, em que as fábulas não se encontram divididas como narrativas independentes, separadas por títulos.

clxxxi Cf. *Livro da Sabedoria*, 14, 15. A edição utilizada da *Biblia Sacrada* é a edição pastoral da Editora Paulus.

clxxxii O texto e as notas desta seção bem como as traduções nela apresentadas são de Raul Oliveira. Para traduções da *Virgilliana* e outras línguas, vd. Whitbread (1971), Rosa (1997), Valero Moreno (2005) e Wolff (2009).

clxxxiii Cf. Comparetti (1943[1872], p. 61).

clxxxiv O texto desta seção bem como as traduções nela apresentadas são de Shirlei Almeida. Para traduções da *Sermonum* e outras línguas, vd. Pizzani (1968), Whitbread (1971).

clxxxv “[...] entries 1-11 deal with terms involved with burial customs, divination, sacrifice, and minor deities, while 12-62 (except for 14 and 48, which may be misplaced and belong in the first category) cover odd words — colloquial and technical terms — for foods, boats, utensils, women of the streets, and so forth, particularly as found in plays, poems, and romances.”

clxxxvi “Dei vari testimonia riportati da Fulgenzio nella esemplificazione dei sermones, soltanto tre trovano rispondenza presso altri studiosi o eruditi o lessicografi quali Festo o Nonio o Servio o Isidoro, a parte le voci addirittura ignote a codesti eruditi.”

clxxxvii O texto desta seção bem como as traduções nela apresentadas são de Cristóvão José dos Santos Júnior. Dadas as particularidades lipogramáticas da *De actatibus* em especial, comentam-se questões tradutórias especialmente nesta seção deste capítulo.

clxxxviii O epíteto de Mitógrafo é muito utilizado para distinguir o Fulgêncio das *Mitologias* de seu homônimo, o Bispo de Ruspe, em razão de uma problemática de ordem filológica que foi explorada, em língua portuguesa, por Cristóvão Santos Júnior (2019b).

clxxxix Em seu prólogo, Fulgêncio afirma que seu alfabeto teria 23 elementos, a diferença do clássico, que possui 22 caracteres. Tendo isso em conta, Leslie Whitbread (1971) e Massimo Manca (2003) consideram que a letra adicional seria o ‘y’. Para o excerto do prólogo em que são abordados os elementos gráficos, vd. tradução de Santos Júnior (2020ae).

cxc Esta problemática filológica já foi explorada em nossas duas traduções, lipogramática e alipogramática, do prólogo da *De actatibus* (SANTOS JÚNIOR, 2020ae).

cxcii Cristóvão Santos Júnior (2019a) aponta não apenas autores antigos e tardios como integrantes dessa tradição, mas também aqueles do Classicismo, Barroco, Arcadismo, Romantismo, Simbolismo e Concretismo.

cxciii Para mais dados relativos à tradição de escrita constrangida, vd. Santos Júnior (2019a; 2020d) e Santos Júnior, Amarante (2019).

cxciiii Já foram publicadas as traduções do prólogo, lipogramática e alipogramática, e as traduções lipogramáticas do Livro I (*Ausente A*), do Livro II (*Ausente B*), do Livro III (*Ausente C*), do Livro IV (*Ausente D*), do Livro VII (*Ausente G*) e do Livro XII (*Ausente M*), efetuadas por Santos Júnior (2019cd e 2020abceff) e por Santos Júnior em coautoria com Amarante (2020).

cxcv Cf. e.g. KROLL, 1953, p. 70; ROBINS, 1979, p. 42; DELLA CASA, 1973, p. 76; CÂMARA JR., 1975, p. 24; LAW, 2003, p. 65–80.

cxcvi Essa busca aparece explicitamente manifesta em algumas passagens da *Ars (propter compendium)*, HOLTZ, 1981, p. 656; *ne nimis longum sit*, p. 660). Para o gramático e comentarista Pompeio, Donato escreveu sua arte “mais para oferecer a matéria a se tratar do que tratar dela ele próprio” (*re vera ars ista scripta est, ut materiam potius dederit tractandi, quam ipse tractauerit*, in *Grammatici Latini*, vol. 5, p. 281, linhas 26-27).

cxcvii Mencionamos aqui a recente edição de Holtz (1981) traz uma nova divisão em dois “volumes” (editions): o primeiro com as noções elementares (*Arte menor*, *Arte maior* 1), o segundo com o “curso superior” (*Arte maior* 2 e 3).

cxcviii *Grammaticae initia ab elementis surgunt, elementa figurantur in litteris, litterae in syllabis coguntur, syllabis comprehenditur dictio, dictiones coguntur in partes orationis, partibus orationis consummatur oratio, oratione virtus ornatur, virtus ad evitanda vitia exercetur.*

cxcix Marc Baratin (1989a, p. 198; 1994, p. 145) atribui essa “visão tradicional” aos estudos de K. Barwick (1922; 1957).

cc *Plerique artem scribentes a litterarum tractatu inchoauerunt, plerique a uoce, plerique a definitione artis grammaticae, sed omnes uidentur errasse, non enim propriam rem officii sui tractauerunt, sed communem et cum oratoribus et cum philosophis: nam de litteris tractare et orator potest; de uoce nemo magis quam philosophi tractant; definitio etiam Aristotelicorum est, unde proprie Donatus et doctus, qui ab octo partibus inchoauit, quae specialiter ad grammaticos pertinent.*

cci Um amplo estudo sobre o surgimento e estabelecimento da doutrina das partes da oração, da filosofia à gramática, encontra-se em DEZOTTI (2011) e DEZOTTI (2015).

ccii *Aristotelici duas dicunt esse partes orationis, nomen et uerbum, Stoici quinque, grammatici octo, plerique nouem, plerique decem, plerique undecim. (Grammatici Latini, vol. 4, p. 428, linhas 12-13)*

cciii *Nomina declinare et uerba in primis pueri sciunt: neque enim alter peruenire ad intellectum sequentium possunt.*

cciv *... bene fecit Donatus, partem illam priorem scribere infantibus, posteriorem omnibus. (Grammatici Latini, vol. 5, p. 98, linhas 6-7; tradução nossa).*

ccv *quare inchoauit Donatus a nomine et non a littera, cum alii a littera inchoassent? sciens Donatus quia et ipsa littera nomen erat, ideo inchoauit a nomine et non a littera. (YENES, ed., 1973, p. 9, linhas 15-18)*

ccvi *adrendendum quod Donatus strenuissime pertissimeque suam edidit artem, primum enim componens minorem ad instruendos pueros eam in exordio sui uoluminis imposuit, secundam uero editionem a littera ceterisque particulis ad superficiem pertinentibus*

inchoavit, et postea octo partes: his autem positis ad complendam secundam editionem barbarismum et cetera uita posuit, et sicut primitus partes, id est uocem litteram syllabam ceterasque, quae ad superficiem pertinent, posuerat, ita de utriusque barbarismum in capite ponere studuit, qui corrumpit superficiem, in secundo loco soloecismum, quod uitium corruptum sensum contextumque partium.

ccviii scripsit enim artem duplicem, id est octo partes, quas minores uocant artes, a quibus secunda haec est editio, sed notandum est, quibus personis primam, quibusque scripsit secundam, et interrogandum, quot et quibus causis artes minores scripsit, hoc est personis puerorum et causis tribus, prima, ut scirent, quibus modis esset ars; secunda, ut discerent interrogare, ut est: partes orationis quot sunt? tertia causa, uti nosset solueri interrogata, ut est: octo et reliqua. In prima ad docendos pueros interrogationi satisfact et solutioni; in secunda autem editione personae perfectas docet scientiam Latinitatis, sed nos nunc dicere conuenit, quibus modis sit interrogatio, id est tribus, quasi dicere uolens uel docere an quaestionis promendae gratia, sed in artibus minoribus quasi docere uolens interrogat Donatus.

ccviii {CICERO FILLIUS} Studeo, mi pater, Latine ex te audire ea quae mihi tu de ratione dicendi Graece tradidisti – si modo tibi est otium, et si vis: {CICERO PATER} An est, mi Cicero, quod ego malim quam te quam doctissimum esse? Otium autem primum est summum, quoniam aliquando Roma exeundi potestas data est, deinde ista tua studia uel maximis occupationibus meis anteferram libenter: {C.F.} Visne igitur, ut tu me Graece soles ordine interrogari, sic ego te vicissim eisdem de rebus Latine interrogem? {C.P.} Sane, si placet. Sic enim et ego te meminisse intellegam quae accepisti et tu ordine audies quae requires: {C.F.} Quot in partes distribuenda est omnis doctrina dicendi? {C.P.} In tres: {C.F.} Cedo quas? {C.P.} Primum in ipsam vim oratoris, deinde in orationem, tum in quaestionem. {C.F.} In quo est ipsa vis? {C.P.} In rebus et uerbis. {CICERO, 1942}

ccix partes orationis quot sunt? octo. quae? nomen, pronomen, uerbum, aduerbium, participium, coniunctio, praepositio, interiectio, nomen quid est? pars orationis cum casu corpus aut rem proprie communituerue significans; nomini quot accidunt? sex. quae? qualitas, comparatio, genus, numerus, figura, ccsus, qualitas nominum in quo est? bipertita est: aut enim unius nomen est et proprium dicitur, aut multorum et appellatum.

ccx ...in responsionibus callidi debemus esse, plerumque aut male respondentes faciunt nos facere soloecismum aut male interrogantes, ut puta, siqui dicat Africanus, sic deo interrogare, sic respondere. Africanus quae pars orationis? et puer dicat nomen, ego interrogo: quale nomen? debet ille respondere proprium, deo interrogare: quae pars proprii? et debet ille dicere agnomen, ipse est ordo uerus secundum interrogationem, prius est enim ut dicas quod est generale, et postea, ut dicas quod est speciale, ceterum, si te interroget: Africanus quae pars orationis? et tu dicas agnomen, ab imis coepisti, non mihi dixisti quia nomen est, deinde non mihi dixisti, utrum proprium sit, an appellatum, sed dixisti quod erat nomen, ergo sic debes dicere, nomen est, est autem proprium, pars autem proprii nominis est agnomen, sic similiter et reliqua.

ccxi solent aliqui homines plerumque esse callidi, et interrogat te aliquis et dicit tibi: Lucius quale nomen est? proprium, quae pars est proprii nominis? dicit illi, praenomen, dicit tibi: falsum est: nam ecce seruus meus ita appellatur et non habet praenomen.

ccxii Para um comentário contextualizado sobre as disputas de Gélío com gramáticos de seu tempo, cf. KASTER, 1988, pp. 50-62.

ccxiii «arma uirumque cano Troiae qui primus ab oris» ... quot partes orationis habet iste uersus? nouem. quot nomina? sex, arma, uirum, Troiae, qui, primus, oris. quot uerba? unum, cano. quot praepositiones? unam, ab. quot coniunctiones? unam, que, arma, quae pars

orationis? nomen, quale? appellatum, cuius est species? generalis, cuius generis? neutri, quare? quia omnia quae in plurali numero in a desinunt sine dubio neutri generis sunt, ... cuius est figurae? simplicis, fac ab eo compositum, armiger armipotens iernnis, cuius est ccsus in hoc loco? accusatiui, unde hoc certum est? a structura, id est ordinatione et coniunctione sequentium; cano enim uerbum accusatiuo iungitur.

ccxiv No que diz respeito à forma textual em perguntas e respostas, o artigo de Papadopyrnakis (2006) foi fundamental para delinear as hipóteses aqui levantadas, a despeito de tratar especificamente do uso das erotapokrisis no ambiente filosófico bizantino.

ccv Tais como RITTER (2010), uma abordagem mais teórica; ETENHUBER (2007), STANIVUKOVIC (2007) e JOHNSON (2010), que exploram aspectos teóricos a serviço da análise de seus respectivos corpora específicos; no âmbito dos estudos clássicos, LAW (1976), sobre a hipótese como recurso para narrativas mitológicas, e PHILBRICK (2016), estudo mais aprofundado sobre a hipótese em Ovídio.

ccvi Consideramos aqui a hipótese como figura em sentido vago, à maneira que aparece na exposição de Quintiliano, sem implicar uma oposição entre figura e tropo, oposição essa comum nos manuais e dicionários especializados; cf. MOISÉS (1974).

ccvii Cf. síntese da bibliografia atualizada em POPA-WYATT (2010).

ccviii As passagens relativas à hipótese em autores anteriores a Quintiliano são: Aristóteles, *Retórica* 3.1.1; *Retórica a Herênio* 4.44; Cícero, *Tópicos* 10.45. Após Quintiliano, mas ainda na Antiguidade tardia, é possível encontrar tratamentos da hipótese em Demétrio, *Do Estilo* 123ss.; Longino, *Do Sublime* 38; Macróbio, *Saturálias* 4.2 e 4.6, e Isidoro de Sevilha, *Etimologias* 1.36.21.

ccix VON ALBRECHT (1997: 1254-5).

ccx VON ALBRECHT (1997: 1262).

ccxi Na passagem original, os navios são também comparados a montanhas se chocando umas contra as outras. Quintiliano omite a segunda hipótese em sua citação, repetindo esse procedimento nas demais passagens virgilianas que apresentam um par consecutivo de hipóteses.

ccxii Na passagem original, Niso é comparado também aos ventos (vide nota 11).

ccxiii Na passagem original, há também a hipótese de Carnília correndo sobre os mares sem sequer tocar a água (vide nota 11).

ccxiv A passagem explorada por Quintiliano não é, como pode parecer, de *Neméias* 4, e sim de um texto perdido; cf. BUTLER (1922: 340).

ccxv SCHMIDT (2019, 14): “[O] diferencial das hipóteses nos *Tristia* é anexação de um discurso de que a hipótese é insuficiente para relatar a verdade. Quintiliano diz que a hipótese é a figura adequada para exprimir aquilo que não se pode exprimir. Ovídio diz que mesmo a hipótese é incapaz de exprimir aquilo que ele quer exprimir. Assim, Ovídio faz da hipótese uma meta-hipótese, no sentido de hiperdoblar a incapacidade da hipótese que, em princípio, seria total. Em pelos menos seis passagens, o poeta faz questão de expor a incapacidade da figura, dizendo que mesmo esta está aquém da verdade. Trata-se de um jogo com a estrutura da figura e com o efeito de verossimilhança, pois a hipótese está além da verdade (*supra fidem*), mas Ovídio a trata como aquém da verdade (1.5.50: *non habitura fidem*; 5.6.42: *minor quam uerum*), de tão exagerada que é sua própria verdade.”

ccxvi A “cacozelia” é definida em *Inst.* 8.3.56-8: “A cacozelia, isto é, a afetação perversa, peca em qualquer gênero de oratória; pois sob esse nome se encontra tudo o que é excessivo, trivial, luxurioso, redundante, rebuscado e extravagante. Além disso, chamamos cacozelia tudo o que vai além da virtude, quando o engenho perde seu senso crítico e se engana com a aparente beleza, o que é o pior de todos os vícios no discurso. Pois os demais erros são

causados sem intenção, mas este é causado de maneira intencional. No entanto, isso só ocorre na elocução. Pois os erros da matéria (invenção) são a tolice, o mais do mesmo, a incoerência e a superficialidade; já o deslize na elocução consiste principalmente no emprego de palavras inapropriadas ou redundantes, ou de um estilo confuso, ou de um ritmo dissonante, ou ainda de uma busca infantil por expressões semelhantes ou ambíguas. A cacozelia é também sempre insincera, embora nem toda insinceridade seja uma cacozelia, pois esta consiste em dizer algo de uma maneira artificial, ou inconveniente, ou supérflua.” (*κακόζηλον ἴδι ἐστὶ μὲν ἀδελφάκτου, πῆρ ὅμνη δεικνῆναι γένος πεκαῖ; νᾶν ἐτὶ τυμῖα ἐτὶ πυσιλλᾶ ἐτὶ πρᾶδελφῖα ἐτὶ ἀβυνδᾶντᾶ ἐτὶ ἀρῆσσιτᾶ ἐτὶ ἐκλυτᾶντᾶ σὺβ ἰδῆμ νᾶμνη καδῦντ.* Denique κακόζηλον vocatur quidquid est ultra virtutem, quotiens ingenium iudicio caret et specie boni fallitur, omnium in eloquentia vitiorum pessimum. Nam cetera parum vitantur, hoc peccatur. Est autem totum in elocutione. Nam rerum vitia sunt stultum, commune, contrarium, supervacuum; corrupta oratio in verbis maxime in propriis, redundantibus, compressione obscura, compositione fracta, vocum similitum aut ambiguarum puerili captatione consistit. Est autem omne κακόζηλον utique falsum, etiamsi non omne falsum κακόζηλον est enim quod dicitur aliter, quam se natura habet et quam oportet et quam sat est.)

ccxxvii Cícero, *De Oratore* 3.155: “O terceiro modo de figuração das palavras é bem amplo, pois foi criado pela necessidade gerada pela falta e pela carência, mas depois incrementado pelo prazer e deleite. Pois assim como primeiro se utilizou as roupas para combater o frio, e depois se começou a vesti-las por elegância e dignidade do corpo, também a metáfora foi utilizada por causa da falta de palavras, e em seguida recorrida por causa do deleite que proporciona. Pois expressões como ‘brutar em vinhas’, ‘ser luxuoso na gramá’ ‘campos felizes’ são utilizadas até pelos incultos. É porque se algo é difícil de dizer com uma palavra em sentido literal, quando é dito por uma metáfora, a comparação ilustra bem o que queremos dizer, expressando por meio de uma palavra diferente de seu sentido literal.” (*Tertius ille modus transferendi verbi late patet, quem necessitas genuit inopia coacta et angustiis; post autem iucunditas delectatioque celebravit. Nam ut vestis figuris depellendi causa reperta primo, post adhiberi coepit ad ornatum etiam corporis et dignitatem, sic verbi translatio instituta est inopiae causa, frequentata delectationis. Nam gemmare vitis, luxuriam esse in herbis, laetas segetes etiam rustici dicunt. Quod enim declarari vix verbo proprio potest, id translatum cum est dictum, inlustrat id, quod intellegi volumus, eius rei, quam alieno verbo posuimus, similitudo.*) Texto original extraído da edição de WILKINS (1902).

ccxxviii Para o texto, utilizamos a edição crítica de R. J. Tarrant, reproduzida em OVIDIO (2011).
ccxxix Seria interessante comparar esta invocação inicial com a invocação final de *Metamorfoses*, em que várias divindades são citadas: Quírrino, Marte, Vesta, Febo, Júpiter... (Livro XV, versos 861-870).

ccxxx É de pensar em um ensaio enfocando a tradução deste trecho da *Ilíada*. Em seis traduções diferentes, temos as seguintes soluções para *δυσᾶριστος*/keia:

Odorico Mendes: “Misericórdia! O maior dos heróis pari mesquinha!” (HOMERO, 2008)
Paul Mazon : “Mère infortunée d’ un preux” (HOMÈRE, 2002).

Claude Michel Clumy: “Ah, misérable et malheureuse mère que je suis,” (HOMÈRE, 1989).

Haroldo de Campos: “Ai de mim, dolorosa geratriz do bravo/entre os bravos” (HOMERO, 2002).

Carlos Alberto Nunes: “Que sina/ter dado à luz ao maior dos heróis, para um Fado tão triste!” (HOMERO, 2002).

Frederico Lourenço: “Ai de mim, desgraçada! Infeliz parturiente de um príncipe!” (HOMERO, 2013).

ccxxxi Aristóteles usa as palavras *ουσία* (substância), *πολύ* (qualidade), *ποσόν* (quantidade), *πρός τι* (relação).

ccxxxii *Κεῖσθα*, estar em tal situação (estado, posição); *ἔχειν*, ter (possessão); *ποιεῖν*, fazer (ação); *πάσχειν*, padecer (paixão).

ccxxxiii *Παῦ*, onde (lugar); *πᾶσι*, quando (tempo).

ccxxxiv Hoje entre nós a «hermenêutica»: interpretação dos signos etc.

ccxxxv Hoje usa-me mais essa palavra no sentido de doença, de órgão afetado.

ccxxxvi Veja-se por exemplo o capítulo X, 4 de Aulo Gélio intitulado « foi costume ser procurado entre os filósofos se os nomes existiam por natureza (*φύσει*) ou por convenção (*θέσει*) ».

ccxxxvii « Lógica » (*τέχνη λογική*) foi usada por comentaristas posteriores.

ccxxxviii *Anal. Pr. I, 24a16-21*

ccxxxix Que diz respeito ao pensamento, à inteligência (de *διανοητικότητα* intelectual, inteligência).

ccxl Há um tratado filosófico-retórico de Cícero denominado *Topica*, que compreende os lugares-comuns (os *topica*) dos discursos e apresenta conselhos aos juristas, para que achem argumentos e os ordenem; é mais ou menos uma tradução, uma adaptação de Aristóteles.

Sobre os autores e as autoras



Alcione Lucena Albertim

Professora do Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas da Universidade Federal da Paraíba e do Programa de Pós-Graduação em Letras da UFPPB. Coordenadora do MYTHOS - Núcleo de Estudos da Mitologia Grego-Latina. Doutorado em Letras pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da UFPPB. Bacharela em Psicologia pelo Centro Universitário de João Pessoa. PB - UNIPÊ e Especialista em Psicanálise pelo Espaço Psicanalítico – EPSI.

Willy Paredes Soares

Pós-Doutorado pela Universidade de São Paulo, Doutor em Letras pela Universidade Federal da Paraíba. Professor do Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas da Universidade Federal da Paraíba. Líder no grupo de pesquisa Grutta - Grupo de Tradução de Textos da Antiguidade. Membro do grupo de pesquisa Grec - Grupo de Estudos Clássicos.

Rafael Brunhara

Professor de língua e literatura grega na Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Possui Bacharelado em Letras: Português e Grego pela Universidade de São Paulo, inscrição pela qual também obteve o título de Mestre e Doutor em Letras Clássicas. É docente permanente do Programa de Pós-Graduação em Letras da UFRGS e coordenador do Núcleo de Estudos de Tradução Olga Fedossejeva (NET). Atua principalmente nos seguintes temas: elegia, poesia grega arcaica, tradução, gêneros poéticos na Antiguidade. Desenvolveu, com a Profa. Dra. Giuliana Ragusa (USP), uma Antologia de tradução e comentário da poesia elegíaca grega arcaica, prevista para 2020 (Editora Ateliê).

David Pessoa de Lira

Professor Doutor do Departamento de Letras da Universidade Federal de Pernambuco na área Língua e Literatura Latinas. Docente do Programa de Pós-Graduação em Letras da UFPE, na Área de Teoria Literária. Professor Permanente do Programa de Pós-Graduação em Ciências das Religiões da Universidade Federal da Paraíba.

Maria Aparecida de Oliveira Silva

Pós-Doutora em Estudos Literários pela Universidade Estadual Paulista. Pós-Doutora em Letras Clássicas pela Universidade de São Paulo. Pesquisadora do Grupo Heródoto/Unifesp. Pesquisadora do Taphos. Grupo de Pesquisa em Práticas Mortuárias no Medi-

terrâneo Antigo/USP Professora Orientadora Ad-hoc do PPGH/UnB. Líder do Grupo CNPq LABHAN/UFPI. Pesquisadora do Grupo CNPq Linceu/Unesp-Araquara. Pesquisadora do Grupo Retórica, Texto y Comunicación da Universidad de Cádiz. Membro do Conselho Acadêmico do Seminário de História e Filosofia das Religiões da Universidad Autónoma de Ciudad Juárez - México.

Fabio Fortes

O presente trabalho decorre de pesquisa de Pós-Doutorado realizada no Département de Sciences de l'Antiquité, da Université de Liège, na Bélgica (2019-2020), e foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001, Bolsa Professor Visitante Júnior.

Flávia Vasconcellos Amaral

Pós-doutoranda do Departamento de Estudos Clássicos da Universidade de Toronto com o projeto "Narrative strategies in Greek dialogue epigrams". Doutora em Letras Clássicas pela Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. Faz parte do grupo de pesquisa Hellenistica da USP e do Taphos do MAE/USP.

José Amarante Santos Sobrinho

Mestre em Letras e Linguística, doutor em Língua e Cultura. Professor e pesquisador de Língua e Literatura Latinas da Universidade Federal da Bahia, atuando na Pós-graduação em Língua e Cultura, na área de tradução, dedicando-se principalmente a autores da Antiguidade tardia. Membro do grupo de pesquisa NALPE (Núcleo de Antiguidade, Literatura, Performance e Ensino) do Instituto de Letras da UFBA. Em 2016, pós-doutorado no Centro Antropologia e Mondo Antico da Università di Siena, de que resultou O livro de Mitologias de Fulgêncio.

Raul Oliveira Moreira

Pesquisador e tradutor na área de língua e literatura latinas, mestre em Literatura e Cultura pelo Programa de Pós-graduação em Literatura e Cultura da Universidade Federal da Bahia. Membro do grupo de pesquisa NALPE, do Instituto de Letras da UFBA. Professor substituto da UFBA.

Shirlei Patrícia Silva Neves Almeida

Especialização em Gramática e Texto pela Universidade Salvador – UNIFACS, mestrado em Literatura e Cultura pelo Programa de Pós-graduação em Literatura e Cultura da Universidade Federal da Bahia. Membro do grupo de pesquisa NALPE do Instituto de Letras da UFBA. Doutorando pelo Programa de Pós-graduação em Língua e Cultura da Universidade Federal da Bahia Cristóvão

José dos Santos Júnior

Doutor e mestre em Literatura e Cultura pelo Programa de Pós-graduação em Literatura e Cultura da Universidade Federal da Bahia. Membro do grupo de pesquisa NALPE do Instituto de Letras da UFBA. Mestrando em Estudo de Linguagens pela Universidade do Estado da Bahia (UNEB).

Lucas Consolin Dezotti

Mestre em Letras Clássicas e Licenciado em Letras pela Universidade de São Paulo (FFLCH/USP). Professor do Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas da Universidade Federal da Paraíba.

Pedro Schmidt

Professor de Língua e Literatura Latina na Universidade Federal do Rio de Janeiro. Doutor em Letras Clássicas pela Universidade de São Paulo. Mestre em Letras Clássicas pela Universidade de São Paulo.

Leonardo Antunes

Professor da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Doutor em Letras Clássicas pela USP. Docente Permanente do Programa de Pós-Graduação em Letras da UFRGS.

Luciene Lages Silva

Doutorado em Literatura Comparada pela Universidade Federal de Minas Gerais. Professora do curso de Letras da UFS. Desenvolve pesquisas com ênfase no teatro clássico, recepção dos clássicos (teatro e cinema), Mitografia grega e edição de textos. Participa de dois grupos de pesquisa: Vice-líder do NALPE/ Núcleo de Antiguidade, Literatura, Performance e Ensino CNPQ/UFBA (2008) e membro do grupo de pesquisa GEFELIT- Grupo de Estudos de Filosofia e Literatura/CNPQ/UFSC(2008). Membro colaborador do Programa de Pós-Graduação em História da UFS.

Fernanda Lemos de Lima

Doutora em Ciência da Literatura/Literatura Comparada. Fernanda Lima é professora de Grego Clássico, Literatura Grega e Literatura Clássica. Koine Neotestamentária e Grego Moderno na Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Professora do Programa de Pós-Graduação em Letras da UERJ e do Programa de Pós-Graduação em Letras Clássicas da UFRJ. Coordenadora da Especialização em Koné Neotestamentária em processo de instalação.

Milton Marques Júnior

Professor Titular da Universidade Federal da Paraíba. Coordena o GREC - Grupo de Estudos Clássicos e Literários -, com produção na área das Literaturas Grega e Latina, e Literatura Comparada.

José R. Seabra F.

Livre-docência e Doutorado pela Universidade de São Paulo. Professor Associado da Universidade de São Paulo. Sua área de especialização é Gramática Latina e tradução de textos do latim clássico.



CÓDIGO DE BARRA

